



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

ANDRIELE RAMOS PELLENZ

A ARTE DAS IMAGENS NA LITERATURA PARA CRIANÇAS.

Florianópolis

2014

Andriele Ramos Pellenz

A ARTE DAS IMAGENS NA LITERATURA PARA CRIANÇAS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil como pré-requisito para a obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Ma. Lígia Mara Santos

Florianópolis

2014

Andriele Ramos Pellenz

A ARTE DAS IMAGENS NA LITERATURA PARA CRIANÇAS.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Especialista em Docência na Educação Infantil, e aprovado em sua forma final pela Coordenação do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 03 de setembro de 2014.

Prof.^a Dr.^a Soraya Franzoni Conde
Coordenadora do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof.^a Ma. Lígia Mara Santos
NDI/CED/UFSC

Membro: Prof.^a Dr.^a Caroline Machado Momm
NDI/CED/UFSC

Membro: Prof.^a Ma. Giseli Day
NDI/CED/UFSC

Suplente: Prof.^a Ma. Josiana Piccolli
NDI/CED/UFSC

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, que me conduziu para a conclusão desta etapa e tem orientado todos os meus caminhos;

À minha querida família, pela paciência, compreensão, apoio,... nos momentos de estudos e concentração necessários para a realização deste trabalho;

Ao meu futuro esposo... pela motivação em prosseguir nesta especialização e pelas palavras de coragem para conseguir concluir este trabalho;

As amigas que conheci durante o curso, pela parceria, pelo apoio, pelas risadas, troca de informações e auxílio durante as aulas e os trabalhos realizados;

A equipe do CEDEI 2012-2014, incluindo minha orientadora, pelo incentivo, compreensão e parceria durante este percurso.

RESUMO

Este trabalho busca o viés literário e o artístico, tendo como eixo norteador a ilustração nos livros infantis. Buscou pesquisar qual o papel da ilustração no desenvolvimento da criança? Quais imagens disponibilizamos para as crianças? Neste sentido, foram realizadas pesquisas bibliográficas relacionadas ao tema, para a compreensão do conceito de imagem, bem como a trajetória histórica da literatura e juntamente as reflexões da pesquisa ação com crianças na faixa etária entre 3 e 4 anos de idade, realizada em uma instituição de educação infantil de Florianópolis. Foram selecionados dois livros, sendo realizado vinte encontros para conseguir trabalhar diversas propostas, nas quais envolvessem as artes e o universo literário. O registro ocorreu através de fotografias, do diário de campo e das atividades realizadas pelas crianças. As conclusões desta pesquisa nos levam a refletir sobre a necessidade de propostas que envolvam o contato visual no interior das instituições de educação infantil.

Palavras-chave: EDUCAÇÃO INFANTIL, LITERATURA PARA CRIANÇAS, IMAGEM, ARTE.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: LEITURA DE IMAGENS.....	11
1.1 Uma ampliação do conceito de leitura.....	11
1.2 Lendo as imagens.....	13
1.3 A imagem.....	15
1.4 A trajetória da ilustração.....	18
1.5 A arte da ilustração.....	21
CAPÍTULO 2: IMAGEM E LITERATURA INFANTIL.....	24
2.1 Aspectos históricos da ilustração e da literatura infantil.....	24
2.2 A ilustração no contexto literário.....	31
2.2.1 Livros de imagem.....	34
2.2.2 Livros que as imagens acompanham textos breves.....	36
2.2.3 Livros onde imagem e texto desempenham a mesma importância.....	36
2.2.4 Livros em que a imagem é secundária ao texto.....	37
CAPÍTULO 3: REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA.....	38
3.1 Caracterização da instituição e do grupo de crianças.....	38
3.2 Caminhos percorridos.....	40
3.3 Relatos da pesquisa.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
ANEXOS.....	56
ANEXO I – PLANO DE TRABALHO.....	57
ANEXO II – DIÁRIO DE CAMPO.....	58

INTRODUÇÃO

Este trabalho se apresentou como um desafio desde o início, não somente pelo fato de ser um trabalho de conclusão de curso, mas pela temática que escolhi para pesquisar. Pois, inicialmente tinha uma ideia vaga do que queria estudar, mas fui pesquisando, lendo, buscando referências até chegar a delimitação deste tema que engloba a arte e a literatura.

Esta pesquisa é sobre as ilustrações presentes na literatura destinada às crianças. Neste sentido, considerando a importância que a literatura infantil exerce no processo educativo, pergunto qual o papel das imagens que habitam as histórias dos livros para crianças? Quem são os ilustradores das obras de literatura para crianças? Como conversam os textos imagéticos com os textos escritos? Quais autores, quais livros e quais imagens poderão ser indicados para a formação de leitores na escola de Educação Infantil? A partir destes questionamentos iniciais estruturamos a pesquisa, no intuito de buscar conhecimento envolvendo esta temática na prática com as crianças.

A escolha do tema é devido ao interesse pela área e por considerar essencial a educação visual no processo de aprendizagem da criança. Este foco de interesse faz parte da minha trajetória acadêmica, na qual participei de um projeto de pesquisa voltado para a prática educacional utilizando viés artístico nos anos iniciais do ensino fundamental, assim surgiu o interesse por pesquisar esta temática na educação infantil.

Neste sentido a arte com crianças pequenas tem um propósito diferenciado, pois o objetivo é proporcionar novas experiências e promover um olhar sensível aos elementos que nos rodeiam. O ensino da arte é uma das formas de apresentar para a criança o conhecimento histórico acumulado por outras gerações. A arte gera conhecimento, desenvolve o pensamento artístico e a reflexão estética, contudo é necessário proporcionar propostas e um ambiente convidativo para as crianças participarem.

O conhecimento artístico contempla uma educação interdisciplinar, neste sentido, trabalhando assuntos relacionados com as ciências, história, literatura, matemática, arte entre outros. A seleção em trabalhar com a arte e literatura, é devido ao fato de considerar essencial estas duas temáticas no processo de constituição da criança. Desta forma, qual a relação entre as ilustrações dos livros para crianças e a arte?

O ato de ler acompanha o ser humano em todas as suas atividades, lemos os materiais impressos, as imagens de circulação nas cidades, os sinais de trânsito, a natureza e dentre outros. Assim, a leitura é uma prática social que faz parte do cotidiano do homem, na qual

deve ser ensinada, a fim de ser aprendida e vivenciada. Desta forma, afirmamos a importância que as instituições educativas têm em seu caráter, o compromisso com a formação de leitores críticos na sociedade, que possam ir além da compreensão da palavra escrita, mas com possibilidades de codificação das frases, atos, sentidos e imagens de um livro. A literatura é uma das formas de propiciar a leitura de mundo, de forma imaginária e poética.

A literatura é algo amplo e complexo, e vai além das definições pré-concebidas sobre o tema. A criança se constitui leitor no ato de estar em contato com os livros, sendo este ato não algo exclusivamente ligado ao verbal, além disso, leitores visuais. As ilustrações são observadas nos livros infantis, fato que encanta as crianças pequenas, especificamente aquelas que ainda não são alfabetizadas. A literatura possui um caráter formal, ao mesmo tempo, envolto de ludicidade e fantasias, especificamente na literatura infantil,

Ao cirandar pelas linhas e entrelinhas de livros tão cheios de colorido e vida, tão próximos das coisas prazerosas e gestos ternurizantes, por certo a criança pequena tecerá leituras e se constituirá leitor. Da leitura material do livro à leitura do texto. Do ser bebê ao ser leitor. Acreditamos que a inserção da criança no mundo lúdico da leitura literária desfaz algumas idéias preconcebidas, tais como a de que a criança pequena não é leitora. (DEBUS, 2006, p. 43)

A literatura infantil está ligada às manifestações artísticas, ao mundo imaginário, com surpresas e descobertas, envolvendo crianças e até mesmo o público adulto nas formas de descrever algo. Contudo, podemos nos perguntar se nas instituições existem tempos e espaços para que as crianças possam pensar com criatividade? Quais imagens e materiais são apresentados às crianças?

Existem diferentes recursos e diversas linguagens para a formação do leitor, neste sentido, destaco a importância da leitura de imagens nos livros de literatura infantil, sendo uma forma de sensibilizar o olhar da criança para traços, desenhos e formas que ampliem o texto escrito.

A leitura visual assume, pois, uma grande relevância na formação da criança leitora. Ao entrar em contato com as imagens, no esforço de compreensão, ela mobiliza as suas mais diversas capacidades, que se integram para a conquista do objetivo maior: a atribuição de sentidos, pautados em toda a sua experiência como leitora e sujeito. A criança raciocina, elabora hipóteses de sentido, memoriza, observa, analisa, constrói, brinca. (BISSOLI & CHAGAS, 2012, p. 132)

As imagens possibilitam o ato de imaginar, desta forma, imaginando como a história aconteceu ou até mesmo criando a própria versão da história. “Os livros de imagens trazem

consigo a possibilidade lúdica, pois ao refletir sobre o texto, a criança joga com hipóteses fantásticas, comprovando-as ou refutando-as a partir das pistas deixadas pelo autor.” (Idem, 2012, p.132)

A pesquisa aconteceu em dois momentos, o primeiro momento, se constituiu na pesquisa bibliográfica, no qual foi a busca de leituras relacionadas a esta temática, a cerca das diferentes contribuições científicas disponíveis na área. Assim, as principais referências que embasaram esta pesquisa foram Santaella (2012), Ramos (2009), Góes (2005), Nannini (2007), Azevedo (2005), Vigotski (2009). A seleção por estes autores se deu por encontrar escritos referentes a temática deste trabalho em livros, artigos e dissertações destes autores, bem como por indicação da orientadora. Considerando que durante o levantamento bibliográfico tive dificuldades em conseguir estudos e pesquisas relacionadas ao tema. Em seguida, tivemos a busca aos livros infantis para planejar as proposições de observação e intervenção junto ao grupo de crianças.

Assim, a pesquisa em campo foi desenvolvida no estado de Santa Catarina, mais especificamente na cidade de Florianópolis, em uma instituição de educação infantil de caráter privado. Esta atende crianças da educação infantil, sendo um grupo com quinze crianças, a faixa etária entre 3 e 4 anos.

Durante a pesquisa ação, consideramos os interesses das crianças envolvidas, bem como os imprevistos que permeiam o cotidiano na educação infantil e as vivências que fazem parte do coletivo da instituição. As análises de dados desta pesquisa aconteceram durante todo o processo, entendendo que cada etapa é importante para compreensão do resultado, buscando uma pesquisa qualitativa. Os dados serão coletados com os seguintes instrumentos: diário de campo, fotografias, filmagem e as atividades produzidas pelas crianças durante o processo. Contudo, pelo fato de não ter conseguido as autorizações necessárias para o uso de imagens das crianças, não colocarei fotografias relacionadas a prática realizada, afim de não comprometer a pesquisa e o caráter ético que ela possui.

Este trabalho está estruturado em três capítulos, sendo que o primeiro traz termos e conceitos importantes para pensarmos em uma ampliação do conceito de leitura, compreendendo o que seria uma linguagem visual, qual a definição de imagem e a trajetória da ilustração. No segundo capítulo, contém os aspectos históricos da ilustração e da literatura infantil, qual a relação entre ambas, como surgiu e a diferença entre os tipos de livros existentes. No terceiro capítulo, narro os caminhos percorridos na pesquisa desde o levantamento bibliográfico até chegar a prática com as crianças, assim explico o que foi

vivenciado juntamente alguns questionamentos à luz do referencial bibliográfico utilizado.

CAPÍTULO 1

LEITURA DE IMAGENS

Nós vivemos na era da imagem, somos rodeados de imagens por todos os lados. A tecnologia de produção de imagens avança aceleradamente, mas, ao mesmo tempo, há dificuldade em se lerem imagens, porque viciamos o olhar, banalizamos as imagens, olhamos sem ver, descuidamos dos detalhes, às vezes vemos apenas o óbvio, sem irmos aos sentidos mais profundos, olhamos para as coisas rapidamente. [...] (ALENCAR, 2009, p. 28)

1.1 Uma ampliação do conceito de leitura.

Para alargar a compreensão deste conceito é necessário considerar que o ato de ler não se restringe a leitura do texto escrito, formado pelas letras pertencentes ao código alfabético. Embora, dentro desta temática tenha estudiosos contrários a expansão do conceito de leitura, nesta pesquisa seguirei pela afirmação que as imagens contém em si aspectos que podem ser lidos. Assim, passamos a entender que o leitor não é apenas aquele que lê livros, mas também aquele que lê as imagens, como nos afirma Alberto Manguel (2001)

[...] aponta inúmeras possibilidades de leitura de mundo, em seu livro *Lendo Imagens*: o astrônomo lendo um mapa de estrelas; o arquiteto lendo a terra sobre a qual será erguida uma casa; o zoólogo lendo os rastros de animais na floresta; o jogador lendo os gestos do parceiro antes de jogar a carta vencedora; [...] Enfim, todos esses leitores de mundo compartilham com os leitores de textos e imagens a arte de traduzir signos. E todos eles adquiriram habilidades importantes de leitura para poder viver no mundo. Ninguém discorda que a capacidade de ler e produzir textos seja importante, mas há também outras formas importantes de leitura para a vida. No caso dos livros infantis, a leitura das ilustrações nos livros é uma segunda forma de leitura ao lado e em relação com a leitura do texto, mas, além disso, ajudam os leitores a desenvolver outras tantas formas de leitura de que irão necessitar em seu presente e futuro. (apud GÓES e ALENCAR, 2009, p. 28)

As imagens e a língua são diferentes com relação a elaboração cognitiva, nosso cérebro tem dois lobos, o direito e o esquerdo. Santaella afirma que, “na elaboração de informações imagéticas, domina o lobo cerebral direito, que é a instância responsável pela elaboração das emoções. Já a compreensão da língua é dominada pelo hemisfério cerebral esquerdo, geralmente mais responsável por comandar os processos do pensamento analítico e racional.” (2012, p. 108,109)

As diferenças entre a linguagem escrita e a linguagem visual são incontestáveis, há capacidade de aprendizado em ambas, contudo de forma distinta,

As imagens são recebidas mais rapidamente do que os textos, elas possuem um maior valor de atenção, e sua informação permanece durante mais tempo no cérebro. Somos mais capazes de memorizar descrições de objetos a partir de imagens do que a partir de palavras. Além disso, memorizamos com mais facilidade palavras que designam objetos concretos do que palavras que designam conceitos abstratos. (Idem, p. 109)

Atualmente, estamos em uma sociedade na qual o código visual está sendo amplamente alargado, “isso se deve ao fato de que, pela imagem é possível comunicar a mensagem, com diferentes sentidos, a um número maior de leitores, já que essa é uma linguagem universal.” (BISSOLI & GHAGAS, 2012, p. 131) Desta forma, as imagens estão sendo utilizadas para compreensão de diversos textos e contextos, como os informativos, os musicais, os literários e dentre outros.

De acordo com Santaella (2012, p. 11) com o surgimento dos grandes centros urbanos e a explosão da publicidade, a escrita, inextricavelmente unida à imagem, veio crescentemente se colocar diante dos nossos olhos na vida cotidiana. Estando presente nas embalagens dos produtos que consumimos, nos outdoors, nos pontos de ônibus, nas propagandas comerciais, dentre outras situações em que praticamos o ato de ler de modo tão automático que nem chegamos a nos dar conta disso. Diante desse alargamento do código visual,

[...] não há por que manter uma visão purista da leitura restrita à decifração de letras. Do mesmo modo que, desde o livro ilustrado e as enciclopédias, o código escrito foi historicamente se mesclando aos desenhos, esquemas, diagramas e fotos, o ato de ler foi igualmente expandindo seu copo para outros tipos de linguagens. Nada mais natural, portanto, que o conceito de leitura acompanhe essa expansão. (SANTAELLA, 2012, p. 11)

Sendo assim, percebemos que há diferentes maneiras de compreender o conceito de leitura, no qual vai além do texto escrito, considerando outras formas de codificar uma informação. “É por isso que podemos afirmar que, fora e além do livro, há uma multiplicidade de tipos de leitores, multiplicidade, aliás, que vem aumentando historicamente.” (2012, p. 11)

A função da imagem é instigar novas formas de ler algo, bem como ampliar o olhar para além das que costumamos observar, como nos afirma Lúcia Pimentel Góes,

a imagem desperta perguntas no leitor, questionamentos que podem se tornar o ponto de partida para novas leituras, que podem significar um alargamento do campo de consciência: do indivíduo, do meio, da cultura, da história. O ilustrador tem papel importante, ele imprime, soma e acrescenta a um texto a sua maneira especial de olhar o mundo. (GOÉS apud NANINNI, 2007, p.

1.2 Lendo as imagens

O ato de olhar é uma ação biológica do ser humano, bem como uma ação social, considerando os aspectos culturais e sociais do indivíduo. De forma que quando olhamos algo, não percebemos os mecanismos que o olho realiza para podermos observar com clareza e entendimento,

[...] é curiosa a constatação de que só o olho e o ouvido são órgãos dos sentidos diretamente ligados ao cérebro, ou melhor, são buracos que se conectam diretamente com o cérebro, em oposição aos outros sentidos, que são buracos ligados às vísceras, sendo mais viscerais, portanto. [...] Deve ser em razão de suas posições em relação ao cérebro que o olho e o ouvido se constituem em aparelhos biológicos altamente especializados. Em linguagem técnica da comunicação eles não se constituem apenas em canais para a transmissão de informação, mas em verdadeiros órgãos codificadores e decodificadores das informações emitidas e recebidas [...] (SANTAELLA apud GÓES e ALENCAR, 2009, p. 11)

Sendo assim, observar algo pode ir além do gesto mecânico e natural das reações corporais, este ato deve causar envolvimento de quem olha, para assim, avaliar, correlacionar, pensar e refletir sobre determinada imagem. É necessário contemplar o sentido da imagem, com isso podemos utilizar outras linguagens como a verbal.

No intuito de compreender uma imagem, vamos ao encontro de indicações voltadas ao campo das artes, afim de obter um olhar mais sensível. Esta forma de ler inclui aspectos detalhados e capta o que é produzido no interior da imagem, focando no conhecimento estético da pintura, ilustração, fotografias, gravura, desenho, nas imagens da publicidade e diante de diversos tipos de imagens que estão no nosso cotidiano.

Aprender a olhar significa sair do gesto primário de captar algo com os olhos, que é uma atividade física, e passar para outro estágio, aquele em que, a partir de muitos exercícios mentais, absorvemos e compreendemos o examinado. Esse debruçar-se sobre o que os olhos captam provocará análises e, o mais produtivo, provavelmente ativará a capacidade de inventar. Olhar, portanto, é uma soma que inclui o físico, o psicológico, a percepção e a criação. (RAMOS, 2011, p. 34)

Para Santaella, a imagem é uma realidade muito distinta do verbo, mas essa diferença entre ambas não pode gerar uma ideia equivocada de que só podemos ler imagens através de outras imagens, deixando de utilizar os comentários verbais. A imagem é uma atividade próxima da criação artística, pertencente ao campo da estética, do que de uma atividade

didática. (2012, p. 12, 13)

A autora afirma que para analisar e ter conhecimento das formas específicas de uma imagem, necessitamos da linguagem verbal para nos comunicar, não por que uma é debilitada em relação a outra, mas por que ambas se complementam. “Assim, quando utilizamos a linguagem verbal para falar sobre como lemos as imagens, não estamos impondo a elas um modo de ser que lhes é estranho, mas tratando de explicitar os traços que as caracterizam na sua natureza de imagens.” (2012, p. 13)

A relação entre imagem e texto é dialógica, segundo o escritor e ilustrador Ricardo Azevedo “um livro que possibilite ao leitor, independentemente de faixas etárias, um contato com o diálogo entre texto e imagem, é riquíssimo material semiótico, um exemplo expressivo de sinergia entre linguagens.” (2005, p. 16)

Para além da disputa, de quem é mais importante, a alfabetização visual, tem em sua essência a função de especificar e observar os traços; formas; escala; cor; textura; contorno; movimento; dimensão; técnicas do desenho, pintura e gravura; dentre outros elementos importantes que constituem a matéria-prima da informação visual.

“No contexto institucional da escola, alfabetização visual significa desenvolver sistematicamente as habilidades envolvidas na leitura de imagens, de modo a levar ao compartilhamento de significados atribuídos a um corpo comum de informações” (Santaella, 2012, p. 14)

Neste sentido é necessário o desenvolvimento de projetos e práticas que ampliem este conceito nas novas gerações, uma pesquisa brasileira do Ministério da Cultura (2010), diante dos dados quantitativos explicita a ausência de aprendizado com as imagens, demonstrando a carência brasileira ao não considerar a educação para o olhar. “Dados indicam que 92% dos brasileiros nunca foram a um museu, e percentual ainda maior (93,4%) jamais frequentou uma exposição de arte, enquanto em 92% dos municípios do país não há cinema, teatro ou museu.” (MANEVY apud RAMOS, 2010: p. 34)

Com isso, significa que grande parte da população brasileira não tem acesso aos meios culturais. Ainda há aqueles que frequentam museus no Brasil, mas tem dificuldades em observar e analisar uma obra de arte. Segundo Ramos, há alguns anos, a curadoria do Museu de Arte de São Paulo (Masp) contou o tempo que as pessoas costumam a observar um quadro ou uma escultura: oito segundos. “Não há quem discorde de que se trata de um tempo exíguo, rápido demais, inadequado para se conhecer uma coisa. Muito pouco para que se estabeleça um olhar capaz de enxergar o que a obra pode vir a dizer” (2010, p. 34, 35)

Santaella afirma que nas instituições educativas o texto verbal ainda é “o grande transmissor de conhecimentos”, deixando a alfabetização visual em segundos planos, ou em algumas situações, nem é trabalhada pelos educandos. A função do imaginário no processo educacional é fator preponderante a fim de tornar sujeitos críticos da realidade que os cerca. O texto não exclui o imaginário, ainda que a imagem possa abrigar mais possibilidades.

1.3 A imagem.

O conceito de imagem é amplo, no qual sua definição é pensada há muito tempo atrás, por pensadores que marcaram a história da humanidade, sendo uma das mais antigas, aquela que se encontra no livro VI da obra *A república*, de Platão. Para este filósofo as imagens, primeiramente são as sombras, depois os reflexos que vemos na água ou na superfície de corpos opacos, polidos, brilhantes, e todas as representações desse gênero.

Na explicação que ele conceitua, segundo Santaella (2012: p. 15) é possível perceber primeiramente, que ele se refere as imagens naturais e não às imagens produzidas pelos seres humanos. Em seguida, mesmo sendo natural, ela reproduz características reconhecíveis de algo visível. Uma das conclusões que se pode ter do conceito platônico de imagem, é seu caráter duplo, também comum às imagens artificiais.

Existe um sentido muito vasto, que vem da Antiguidade clássica, segundo o qual a imagem não é simplesmente um tipo de signo, mas um princípio fundamental que mantém a unidade do mundo. [...] É tão grande a diversidade do que podemos denominar imagem (de figuras, estátuas a diagramas, sombras, fotos, poemas e mesmo ideias, entre outras) que poderíamos concluir que não se poderia compreender de modo sistemático a imagem. Assim, Mitchell propõe que, antes de uma definição universal do termo, devem-se observar: “os lugares nos quais as imagens se diferenciam umas das outras, com base nas fronteiras entre discursos institucionais diferentes.” (SANTAELLA apud GÓES e ALENCAR, 2009, p. 19)

A definição da palavra imagem, de acordo com o Dicionário Michaelis:

imagem sf (do latim imagine)

1 Reflexo de um objeto na água, num espelho etc. 2 Representação de uma pessoa ou coisa, obtida por meio de desenho, gravura ou escultura. 3 Estampa que representa assunto religioso. 4 Estampa ou escultura que representa personagem santificada para ser exposta à veneração dos fiéis. 5 *Fis* Representação de um objeto por meio de certos fenômenos de óptica ou pela reunião dos raios luminosos emanados desse objeto depois de uma reflexão. 6 Representação mental de qualquer forma. 7 Imitação de uma

forma; semelhança. 8 Aquilo que imita ou representa pessoa ou coisa. 9 Impressão de um objeto no espírito. 10 Reprodução na memória. 11 Símbolo. [...]

As imagens podem ser definidas, por Santaella (2012: p.15) como um artefato bidimensional, sendo as gravuras, fotografias, pintura, desenho, ou tridimensional como as esculturas, que tem uma aparência similar a algo que está fora delas, representando objetos, pessoas ou situações, que de algum modo mantém semelhanças com o que representam.

A autora em seu livro demonstra que existem diferentes explicações para conceituar a palavra imagem, sendo ambígua e polissêmica, não se limitando há apenas uma definição. Ela afirma que a imagem não se restringe somente ao campo visual, mas, exemplificando, também existe a imagem musical, presente na música contemporânea, na qual possui a imagem acústica.

Entretanto, quando delimitamos a imagem no campo visual, são elencados basicamente três domínios principais da imagem, denominadas por

o domínio das imagens mentais, imaginadas e oníricas. Estas brotam do poder das nossas mentes para configurar imagens. Elas não precisam ter necessariamente vínculos com imagens já percebidas. A mente é livre para projetar formas e configurações não necessariamente existentes no mundo físico. no qual é considerado os territórios da imagem, contemplando diferentes aspectos em cada uma delas. (SANTAELLA, 2012: p. 16)

As imagens mentais envolvem as questões cognitivas e psicanalíticas, não sendo restrito ao visível. A autora define o segundo como domínio das imagens diretamente perceptíveis, sendo essas que apreendemos do mundo visível, aquelas que vemos diretamente da realidade em que nos movemos e vivemos. Estas estão ligadas às teorias da percepção visual, no qual o enfoque está ligado aos modos como a percepção opera do que as próprias imagens em si.

Santaella elenca como terceira definição as imagens como representações visuais, correspondendo aos desenhos, pinturas, gravuras, fotografias, imagens cinematográficas, televisivas, holográficas e infográficas (também chamadas de “imagens computacionais”). Estas são chamadas de “representações”, pois são criadas e produzidas pelos seres humanos nas sociedades em que vivem.

Há autores que aumentam essa classificação para cinco, assim incluindo, como quarto o domínio de imagens verbais, construídas por meios linguísticos, tais como metáforas e descrições, encontrando campo de estudos na literatura. A quinta definição é o domínio das

imagens ópticas, tais como espelhos e projeções, ligadas ao campo da arquitetura e engenharia.

A distinção entre o domínio das representações visuais e o domínio das imagens perceptíveis, segundo Santaella deve-se ao fato da “nossa percepção que faz o mundo visível naturalmente aparecer a nós como imagem, enquanto as representações visuais são artificialmente criadas, necessitando para isso da mediação de habilidades, instrumentos, suportes, técnicas e mesmo tecnologias.” (2012: p. 18)

Diante do polissêmico significado da palavra imagem e das diferentes características entre elas, elencamos as imagens como “representações visuais” servindo de eixo para esta pesquisa. Desta forma, estas podem ser inscritas manualmente sobre uma superfície, utilizando para isso instrumentos como pincel, tintas, lápis etc. Bem como, ser capturadas por meio de recursos ópticos, como espelhos, lentes, telescópios, microscópios e câmeras.

Santaella afirma que estas imagens podem ser fixas, na qual são congeladas, opõe-se ao movimento. Esta significa a variação da posição espacial de uma imagem ou de uma sequência de imagens no decorrer do tempo, esta imagem em movimento encontramos no cinema, resultando na gravação de imagens fotográficas com câmeras. As imagens podem representar duplos sentidos e significados, pois apresentam aspectos do mundo visível através das relações de semelhança com que ela mantém. Entretanto, nem sempre a imagem reproduz aspectos daquilo que é naturalmente visível. Assim, há uma distinção de três modalidades principais de imagens,

Primeiro, as imagens em si mesmas, que se apresentam como formas puras, abstratas ou coloridas. Segundo, as imagens figurativas, que se assemelham a algo existente no mundo, ou supostamente existente, como são as figuras imaginárias, mitológicas, religiosas etc. Há ainda as imagens simbólicas. Neste caso, embora as imagens apresentem figuras reconhecíveis, essas figuras têm por função representar significados que vão além daquilo que os olhos veem. (SANTAELLA, 2012: p. 19)

As imagens como “representações visuais” distingui-se de acordo com a finalidade a que se presta. O termo permanece no plural por conter diversos tipos de imagens que se difere uma das outras. Desta forma, ela possui diferentes finalidades, como ampliar nossa capacidade perceptiva, promover a sensibilização visual, capturar os nossos desejos através da publicidade, documentar algo, ilustrar um texto verbal dentre outras funções.

Diante do vasto campo que as imagens se incluem, especificaremos nesta pesquisa a imagem com a função de ilustrar livros, ou seja, a ilustração na literatura infantil no qual será

o eixo norteador das discussões, reflexões e apontamentos que realizarei neste trabalho. Neste sentido, para compreender o que é o conceito da ilustração, iniciaremos com um breve histórico do surgimento desta arte, como e por quem ela foi desenvolvida, até chegar ao formato que encontramos na atualidade.

1.4 A trajetória da ilustração.

A arte da ilustração tem acompanhado o homem por diferentes gerações, desde as pinturas rupestres, sendo desenhos inscritos em pedras ou paredes de cavernas, consideradas narrativas visuais que transmitiam medo, mensagens e desejos.

Eles surgiram em vários lugares da África. O *Homo habilis* pode ter usado o fogo. Foi quem primeiro usou a pedra, daí o nome de Idade da Pedra. Só pelos 40.000 anos a.C. é que o ser humano começou a produzir formas que recriavam a realidade em que ele vivia e exprimiam, desse modo, suas angústias e seus pavores. São manifestações artísticas escultóricas que iniciaram pela impressão plástico-pictórica obtida por ato de comprimir as mãos abertas em cima de paredes tenras (30.000 anos a.C.). [...] (GÓES e ALENCAR, 2009, p. 6,7)

Até as imagens atuais, encontradas em diversos meios de comunicação existentes. Segundo Brandão (apud NANNINI, 2007: p. 18), a ilustração aparece na forma de pinturas em todos os suportes de escrita existentes que pertencem à história da humanidade, confirmando que a existência da ilustração não se encontra presa aos livros.

A ilustração acompanha o ser humano desde os tempos mais antigos, já na Idade Média ela aparece na decoração das paredes de antigos mosteiros, com cenas do Velho e Novo Testamento e ficaram conhecidas como livros para os iletrados. Essas imagens podiam ser observadas como se fossem palavras, assim as escrituras eram aprendidas por meio da leitura dessas imagens. Começa a florescer a arte gótica, no século XIII, e a pintura nas paredes da Igreja não é mais utilizada.

As imagens foram reunidas, no século XIV, em forma de livro, sob a forma de iluminuras, na qual consistia em ilustrar, ornar um livro manuscrito. Os iluminadores e gravadores começam a representar as imagens em pergaminho e papel. Esses livros de imagens tinha vários formatos e se tornaram populares, com o tempo passando a denominar-se “*Bibliae pauperum*, significando Bíblia dos pobres” (MANGUEL apud NANNINI, 2007: p. 17)

Essas bíblias ficavam abertas em um suporte, expondo suas imagens aos fiéis, eram grandes livros com figuras, onde cada página era dividida para receber duas ou mais cenas do Testamento. “Na Idade Média, o texto feito à mão era riquíssimo em linguagem visual e ornamentos. O trabalho dos escribas era complementado pelas penas e pincéis dos iluministas. A beleza e riqueza eram fundamentais nos escritos religiosos.[...]” (LINS apud NANNINI, 2007: p. 17) Com isto percebemos que no desenvolvimento da escrita, o texto e a imagem coexistem e interagem de forma a completar um ao outro.

Para Santaella, entre 1500 até 1675,

as imagens nos tratados técnicos e nos tratados alquímicos passaram das iluminuras para as xilogravuras, até as gravuras em metal. O modo de produção da imagem traz consequências para o papel que a imagem desempenha no pensamento. De uma mera festa para os olhos e informação para aqueles que não sabiam ler nem escrever, as imagens e figuras passaram a ser, cada vez mais, peças fundamentais na transmissão de conhecimentos científicos e técnicos, na medida mesma do aprimoramento de seu modo de gravação. (2012: p. 106)

Em 1658, o checo Jan Amos Comenius (1592-1670) publicou *Orbis sensualium pictus*, que pode ser traduzido como “O mundo pintado pelos sentidos” ou “O mundo em imagens”. Ele afirmava que “as imagens são a forma de aprendizagem mais fácil de assimilar que se pode oferecer às crianças” (SALISBURY apud RAMOS, 2011, p. 49), por isso destacou a importância das ilustrações ao transmitir informações sobre a arte de ensinar.

Segundo Graça Ramos (2011), considerado o pai da pedagogia Moderna, Comenius atribuiu à imagem uma função para além da ornamentação, equiparando as figuras às nomenclaturas e às descrições, os três recursos utilizados em sua obra. O objetivo era fazer com que o leitor não alfabetizado compreendesse o visto, assim, aprendendo sobre o mundo desta forma.

O livro foi publicado em Nuremberg (Alemanha), algumas partes dedicado ao latim, outro tanto às ilustrações enciclopédicas, sendo um “instrumento de reforma social e educacional” (LEWIS apud RAMOS, 2011, p. 50). Cada página aberta continha uma ilustração, e as nomenclaturas recebiam marcas tipográficas diferentes, formando um jogo de imagens. Desta forma, este destaque para o aprendizado com as imagens, “ressaltou a importância da percepção e da capacidade de visualizar para atrair a atenção e facilitar o aprendizado do leitor emergente.” (RAMOS, 2011, p.50)

Ainda antes de Comenius, temos o alemão John Amman (1539-1591) que assinou xilogravuras que ilustram *Kunst Lehrbüchlein*, publicado em Frankfurt em 1580. Este era um

livro de arte dedicado a instruir os jovens, na capa avisava que teria graciosos e amenos desenhos. Uma das imagens mais conhecidas dele exibe crianças em um jardim, uma lendo uma tabuleta, enquanto outra segura nas mãos algo que se assemelha a um livro.

Durante o Renascimento, com o predomínio da razão e da ciência, as ilustrações aparecem ligadas ao desenho técnico. Nesta época, Leonardo da Vinci é considerado o mais importante ilustrador técnico, também surge a denominada ilustração satírica. A medida que novas técnicas de impressão foram surgindo, como água forte¹, a xilografia² em cor, a litografia³ (1796) e a cromolitografia⁴ (1837), a ilustração ganhava maior espaço dentro da área editorial.

A partir do século 19, na Inglaterra, as imagens começaram a ganhar mais corpo no interior do objeto livro, o que se deveu ao desenvolvimento de mais e melhores técnicas de reprodução. Entre estas, se destaca a litografia, criada no final do século 18, mas cujo uso e desenvolvimento se intensificaram nos anos seguintes. [...] Em 1837, surge a cromolitografia, que permite o uso da cor e colabora para incentivar e alterar a arte da ilustração. (RAMOS, 2011, p. 55)

Na primeira metade do século XIX, inicia o advento da fotografia e marca um importante invento para o desenvolvimento desta área,

[...] a consolidação do invento da fotografia (1839) será importante para a transformação da arte de ilustrar, pois se começa a captar uma série de imagens de maneira mais rápida. Antes a forma de retratar a realidade feita pela pintura e pelo desenho era demorada, requeria inúmeros preparos. Com a fotografia, artistas começam a perceber que é possível estabelecer uma sequência de imagens, que transmitem uma intensa ideia de movimento o que se refletirá nas construções de futuros ilustradores. (RAMOS, 2011, p. 56)

No início do século XX, surge no ocidente a serigrafia, os estudos feitos na área de tintas e o desenvolvimento da impressão em meio tom, aumentando as possibilidades técnicas

¹ Água forte é o nome do ácido que, ao agir sobre o metal, forma os sulcos onde a tinta será colocada. O processo mais conhecido entre todos parte de revestimento da chapa – ferro, cobre, latão ou zinco – com um verniz protetor. Em seguida, faz-se a incisão, com estilete ou outro instrumento similar, do desenho que se deseja obter. Onde o verniz foi retirado, aparecerá o desenho. SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens*, SP: Melhoramentos, 2012, p. 47.

² Nessa técnica, a impressão é feita a partir de pedaços de madeira com desenhos em relevo. É uma arte muito popular. *Idem*, p. 17

³ A litografia refere-se a um método de impressão em que uma imagem é desenhada sobre uma base de pedra calcária. Os desenhos são feitos com algum material gorduroso – o lápis, o bastão ou a pasta. Então, a pedra é tratada com soluções químicas e água, de modo a que as áreas oleosas do desenho sejam fixadas na superfície. A imagem é obtida por prensa litográfica que desliza sobre o papel. *Idem*, p. 17

⁴ Cromolitografia é um método da litografia através da qual os desenhos são impressos em cores. In: *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cromolitografia>. Acesso em: 06 jun. 2014.

de reprodução ao ilustrador. A ilustração passa a ser reconhecida como arte comercial.

Nos últimos anos este mercado está em constante desenvolvimento, mas nosso objetivo não é focar na área comercial, que invade o nosso cotidiano através de jornais, revistas, objetos de mercado, publicidade impressa e de rua. Neste sentido, o intuito é debater a função educativa da ilustração, especificamente com as crianças pequenas, bem como relacionar a ilustração com a linguagem verbal e a escrita.

1.5 A arte da ilustração.

Diante do que já foi colocado neste trabalho, levanto a seguinte questão, qual o papel da ilustração? Qual a função primordial desta? Seria apenas para enfeitar as páginas do livro? Será que em uma ilustração devemos considerar somente este fator? A partir destes questionamentos, refletiremos sobre aspectos importantes para analisar uma imagem. A ilustração é conceituada por vários teóricos e possui múltiplos significados, com isso não há uma definição única para conceituar este termo, sendo assim elencaremos diferentes argumentos e definições sobre o tema.

Segundo Ramos (2011) a arte da ilustração, por ser feita de imagens, fundamenta-se na criação de representações que substituem seres, coisas, sentimentos ou ações. A produção das imagens, como nos ensina Jacques Aumont, está vinculada ao domínio do simbólico, “a imagem se define como um objeto produzido pela mão do homem, em um determinado dispositivo, e sempre para transmitir a seu espectador, sob forma simbolizada, um discurso sobre o mundo real. (apud RAMOS, 2011, p. 16)

Para Luis Camargo, ilustração é toda imagem que acompanha um texto, pode ser desenho, pintura, fotografia, gráfico. “Coisas iguais podem ter nomes diferentes e coisas diferentes podem ter o mesmo nome através do tempo. É o caso da palavra ilustração.” (apud NANNINI, 2007, p. 19)

Segundo a Associação de Designers Gráficos considera ilustração, de modo geral, a imagem que tem por objetivo “corroborar ou exemplificar o conteúdo de um texto de livro, jornal, revista ou qualquer outro tipo de publicação. (apud GÓES E ALENCAR, 2009, p. 27)

A definição da palavra Ilustração, segundo o dicionário Michaelis:

ilustração sf (do latim *illustratione*)

1 Ato ou efeito de ilustrar. 2 Esclarecimento, explicação. 3 Breve narrativa,

verídica ou imaginária, com que se realça e enfatiza algum ensinamento. 4 Conjunto pessoal de conhecimentos históricos, científicos, artísticos etc. 5 Publicação periódica com estampas. 6 Desenho, gravura ou imagem que acompanha o texto de livro, jornal, revista etc., ilustrando-o. I. divina: inspiração.

No artigo *A criança e a ilustração*, escrito pela ilustradora Eva Furnari, revela e destaca o papel da imagem no aprendizado infantil, sendo necessária para compreensão das outras áreas do conhecimento. “A ilustração, para a criança, tem enorme importância: como apoio ao aprendizado da leitura verbal, como linguagem autônoma, em diálogo com outras linguagens, e assim por diante. O elemento visual dos livros infantis tem caráter fundamental e é por meio dele que se veicula grande parte da informação.” (apud GOÉS, 2005, p. 43)

Nas ilustrações realizadas afim de ampliar o imaginário, como nos afirma Ramos,

não importará tanto a técnica por trás destas, pois elas tanto podem ser feitas a partir de uma aquarela [...] como serem produzidas com a ajuda de mídias diversas (por exemplo: colagem ou fotografias escaneadas e retrabalhadas em programa de computador como o Photoshop). O fundamental é que a ilustração cause deslocamento, provoque no leitor emoção e o faça imaginar e refletir a partir do que está narrado pelo ilustrador. (2011, p. 26)

Temos uma infinidade de possibilidades no campo visual proporcionado pelas ilustrações envolvidas por características da imaginação e artísticas dos ilustradores. Grande é a responsabilidade de um ilustrador, pois ele imprime, soma e acrescenta a um texto a sua visão, resultando um terceiro produto que não é apenas um texto ou somente ilustrações, mas, sim, um livro para crianças. (FURNARI apud GÓES, 2005, p. 46)

No início do seu livro, Graça Ramos nos narra sobre suas lembranças de quando criança, relacionadas as histórias que ouvia, bem como as ilustrações que analisava nos livros infantis,

Muitos outros leitores devem guardar pelo resto de suas vidas lembranças das primeiras imagens folheadas. Elas podem ter tido um impacto grande sobre suas formas de lidar com as alegrias e também com os medos e anseios que a infância sempre traz. Isso porque, nessa época da vida em que muitos temores e variadas inseguranças nos acometem, e nem sempre as palavras dão conta de expressá-los, um livro ilustrado poderá contribuir para tornar menos doloroso o enfrentamento de tais desafios. Ou para liberar a fantasia e deixá-la criar suas narrativas visuais. (RAMOS, 2011, p. 16)

Afinal, quais as imagens que permeavam o nosso imaginário? Que ilustrações marcaram a nossa infância? Quem não lembra de um livro ou de uma imagem que está

guardada em sua lembrança? Esse campo de imaginação e fantasia envolve qualquer criança e atrai olhares dos adultos, sendo um universo atraente e mágico, no qual as histórias e as imagens não tem fim.

Nos dias de hoje o mundo da ilustração utiliza uma gama de recursos para atualização de novas técnicas, apesar de estarmos imersos na sofisticação gráfica e na infinidade de meios tecnológicos,

[...] o desenho continua sendo a base fundamental para a construção de imagens capazes de construir bons livros infantis, de contar visualmente uma boa história. Por isso tantos livros ilustrados no passado permanecem atuais. Seus autores conseguiram criar composições que deixaram marcas, sendo muitas vezes difícil romper com esse imaginário visual. (RAMOS, 2011, p. 26,27)

No próximo capítulo aprofundaremos o tema sobre os livros ilustrados, mais especificamente a função da ilustração nos livros de literatura infantil. Qual o papel das imagens que habitam as histórias dos livros para crianças? Quem são os ilustradores das obras de literatura para crianças? Como conversam os textos imagéticos com os textos escritos? Quais autores, quais livros e quais imagens poderão ser indicados para a formação de leitores na escola de Educação Infantil?

CAPÍTULO 2: IMAGEM E LITERATURA INFANTIL.

Esta pesquisa é sobre textos imagéticos na literatura para crianças, e para melhor compreensão desta temática iremos ao encontro do processo histórico que esta passou até chegar aos dias atuais. Este entendimento é necessário para a compreensão dos caminhos percorridos pela literatura infantil no Brasil e no mundo, assim trazendo reflexões para professores, pesquisadores e leitores que estão próximos do universo literário. Esta pesquisa tem relação direta com o livro infantil, desta forma a retrospectiva histórica dará luz para compreendermos as ilustrações e imagens contidas no interior do livro infantil.

2.1 Aspectos históricos da ilustração e da literatura infantil.

Para iniciarmos este assunto, é necessário lembrar que a infância nem sempre foi considerada da maneira que conhecemos hoje, ela era inserida nos hábitos e costumes dos adultos. As crianças eram consideradas “adultos em miniaturas”, participando da rotina e dos eventos, fazendo o que estes faziam, inclusive no manuseio e na leitura dos mesmos livros.

Numerosos estudiosos têm partido do pressuposto de que só se pode, realmente, falar em literatura infantil a partir do século XVII, época da reorganização do ensino e da fundação do sistema educacional burguês. Segundo essa linha de pensamento, antes disso e em resumo, não haveria propriamente uma infância no sentido que conhecemos. Antes disso, as crianças, vistas como adultos em miniatura, participavam, desde a mais tenra idade, da vida adulta. Não havendo livros, nem histórias dirigidas especificamente a elas, não existiria nada que pudesse ser chamado de literatura infantil. Por este viés, as origens da literatura infantil estariam nos livros publicados a partir dessa época, preparados especialmente para crianças com intuito pedagógico, utilizados como instrumento de apoio ao ensino. (AZEVEDO, 2001, p. 1)

Cabe aqui uma reflexão a partir de Nannini (2007), que aponta em seu texto aspectos históricos sobre a figura do livro *Orbis Sensualium Pictus*, de Comenius, como ponto importante na trajetória da ilustração. Tal livro é historicamente, considerado o primeiro livro didático ilustrado para crianças, criado com o intuito de ensinar latim através de gravuras. Nele é encontrado um ABC com imagens de animais. O texto traz os ruídos característicos dos bichos, para ensinar o som de cada letra. (p. 23)

De Comenius em diante, vários foram os livros ornados com desenhos, que hoje são reconhecidos como pertencentes à literatura infantil. Recolhidos das tradições orais, esses textos eram originalmente destinados a adultos, mas foram sendo reescritos e parcamente ilustrados para serem endereçados aos mais jovens. São os primeiros livros direcionados à infância, escritos sob o recurso da ficção, como as fábulas de La Fontaine (1621-1691), os contos de Charles Perrault (1628-1703) e, mais tarde, as obras dos irmãos Grimm, Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859). (RAMOS, 2011, p. 51)

Conforme pesquisas realizadas por Lajolo e Zilberman (2006) as primeiras publicações de livros aparecem por volta do século XV, obras como as *Fábulas de La Fontaine* (1668 e 1694) e os *Contos da Mamãe Ganza* de Charles Perrault (1697) que são atualmente associados ao gênero infantil, naquela época foram lançados para o público em geral. As crianças da nobreza eram orientadas por preceptores, sendo comum realizar com elas a leitura dos grandes clássicos, já as crianças das classes humildes liam e ouviam histórias de cavalaria e de aventuras. As classes populares costumavam se interessar por histórias do povo, lendas e contos folclóricos. (apud FREITAS E ZIMMERMANN, ano, p. 3)

Os séculos foram se passando e diversas transformações aconteceram com as técnicas, a visão e a criação de histórias que narrassem acontecimentos com o povo, romances e ficção. No século XVII, o francês Charles Perrault coleta contos e lendas da Idade Média, como *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*, e adapta-os, constituindo os chamados contos de fadas. São estes mesmos contos populares, que eram transmitidos oralmente, que deram origem às primeiras histórias para o público infantil. (NANNINI, 2007, p. 23)

Embora em meados do século XVIII começasse a existir um campo gráfico propício à ilustração, foi na era vitoriana (de 1837 a 1901) que se presenciou a realização de um maior número de livros ilustrados feitos especialmente para crianças. Esses livros traziam imagens atraentes e interessantes, elaboradas não apenas com a intenção de educar, mas também de promover o prazer estético. (Idem, p. 24)

Segundo Cunha (2003), a literatura infantil começa a se firmar por volta do século XVIII, após a consolidação da burguesia, que trazendo valores de família e uma nova visão da infância, sentiu a necessidade de estabelecer novas formas culturais e de educação, havendo assim a reorganização do ensino e a fundação do sistema educacional burguês. (apud NANNINI, 2007, p. 22)

Este período é marcado pelo crescimento nas cidades, por mudanças nas famílias e nos valores, o papel da criança modifica-se no arranjo familiar, sendo considerada um ser indefeso, frágil necessitando de cuidados especiais. Com isto a visão da infância é

transformada na sociedade, como nos afirma Lajolo e Zilberman (2006) “motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria).” (apud FREITAS E ZIMMERMANN, ano, p. 3)

A partir desta nova visão sobre a criança é que começam a pensar em objetos específicos para as crianças, surgindo um universo infantil, como podemos refletir,

No século XIX, os irmãos Grimm (Alemanha) realizam nova coleta de contos populares, como *João e Maria*, *Branca de Neve*, *Rapunzel*, alargando a antologia dos contos de fada. Foi nessa mesma época, que a revolução industrial favoreceu o desenvolvimento gráfico do livro infantil e propiciou melhores condições econômicas para uma boa distribuição. (NANNINI, 2007, p. 25)

Em Ramos (2011) refletimos que o século XIX é conhecido como a idade de ouro da ilustração, com ilustradores renomados, como Edward Lear (1812-1888), Richard Doyle (1846-1901) e o surgimento de obras clássicas, como a famosa Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll. Assim, a ilustração estava em grande crescimento, bem como o surgimento de diversos ilustradores,

Através de narrativas diversas, o dinamarquês Christian Andersen (*O patinho feio*, *O soldadinho de chumbo*, *Os trajes do imperador*), o italiano Collodi (*Pinóquio*), o inglês Lewis Carrol (*Alice no país das maravilhas*), o americano Frank Baum (*O mágico de Oz*), o escocês James Barrie (*Peter Pan*) constituem-se em “padrões de literatura infantil”. (CADEMARTORI apud NANNINI, 2007, p. 25)

Com o avanço e consolidação da literatura, os ilustradores começam a se organizar como categoria, aprimorando uma nova linguagem para se comunicar com o público jovem. Durante o século XIX, muitos ilustradores se concentravam na Inglaterra e receberam a influência de diversos movimentos artísticos, mais especificamente do Pré-Rafaelismo (1848). Este movimento tinha o objetivo de reivindicar os desenhos e formas produzidos pela indústria, lutavam por um desenho mais simples e artesanal, no qual a máquina seria incapaz de realizar.

Crane foi um dos mais populares ilustradores de livros para crianças e um dos expoentes das ilustrações coloridas, impressas com a colaboração de Edmund Evans. Ilustrou muitos livros de alfabetos e contos de fadas, entre eles *A bela e a fera* [...] e *A bela adormecida*. Dedicou-se a desenvolver projetos de ilustração próprios para crianças, acreditando que nos seus primeiros anos da vida, sua imaginação deve ser estimulada continuamente com cores brilhantes, linhas suaves e imagens simbólicas. Via as ilustrações gráficas como um poderoso fator de educação por meio da arte. Argan (1993:

p.182) cita que Crane foi um “verdadeiro pioneiro da editoração popular, de alta qualidade e baixo preço”. (NANNINI, 2007, p. 27, 28)

As novas formas de produção foram ganhando espaço e tornando a arte de ilustrar cada vez mais aprimorada, tivemos os aquarelistas, Arthur Rackham e Edmund Dulac que trouxeram inovações nas novas formas de impressão. Rackham “apresentava um trabalho mais linear, estruturado por fortes linhas de contorno e o uso de cores vibrantes que pareciam saltar das páginas. Ilustrou desde *Alice no país das maravilhas* até os *Contos dos irmãos Grimm*” (Idem, p. 30).

“Dulac era um ilustrador curioso, gostava de testar novas técnicas de pintura e de impressão; no Oriente estudou técnicas diferentes e as aplicou em suas ilustrações. Entre outras histórias, ilustrou *A princesa e a ervilha*, de Andersen, *A Bela Adormecida* e a oriental *Noites da Arábia*.” (NANNINI, 2007, p. 30)

Segundo Marisa Mokarzel, a ilustração se legitimou enquanto arte com as novas técnicas de impressão que surgiram no século XX. Antes desta época a conservação das originais era impossibilitada devido aos processos de impressão empregados. Os originais começaram a serem valorizados e a circular nas galerias de arte, sendo que os livros infantis tornaram-se um símbolo de bom gosto. (Idem, p. 31)

No período após a segunda Guerra Mundial, os livros infantis, no mundo ocidente, passaram por grande melhoria na qualidade das imagens. Elas cresceram em termos de ocupação de espaço no interior dos livros, mas apareceram poucas inovações em sua concepção. É uma época em que o cinema, criado no final do século 19, especialmente com as produções da Walt Disney, impõe um imaginário romântico ao produzir versões animadas de muitas histórias infantis. Esse olhar em que a imagem aparece tendente à perfeição se transportou para grande parte dos livros destinados a crianças. (RAMOS, 2011, p. 61)

Com os avanços produzidos pelo homem, a ilustração e o cinema se relacionam formando um tipo de literatura ligada ao movimento, relacionada com o mundo audiovisual. “Ajudam a provocar mudanças no mundo editorial o aumento do interesse pelos desenhos animados e a expansão do consumo das revistas de histórias em quadrinhos.” (Idem, p.62)

Estes aspectos marcaram a trajetória da ilustração, foram diversos esforços de ilustradores para formar e consolidar as ilustrações que temos atualmente. Com isto, podemos analisar que a ilustração sempre esteve ligada a arte, pois é uma forma de expressar algo a alguém.

No início do século 20, com a entrada em cena das chamadas vanguardas modernas, surgiram novas propostas para a elaboração do livro infantil. Artista com origens no Dadaísmo, movimento artístico surgido em 1916, na Suíça, que privilegiava a desconstrução da lógica e as atitudes irreverentes e irônicas, o alemão Kurt Schwitters (1887-1948) criou uma série de contos de fadas ilustrados. Infelizmente, muito pouco desse material sobreviveu, pois grande parte dos desenhos foi destruída a mando da polícia nazista alemã. (Idem, p. 60)

Elencamos uma série de fatores e nomes que iniciaram a literatura infantil em outros países, mas no nosso país, iniciou-se um movimento ligado a literatura infantil que ocorre após o processo de urbanização quando começa a se constituir um público de bens culturais. No Brasil, por volta do século XX, o conhecimento e o saber começam a ser valorizados incentivando a busca pela alfabetização e a instrução. “A vinda da família real colabora incentivando reformas e progresso. O país começa a vislumbrar um sistema educacional, fator primordial para a existência de uma literatura infantil própria.” (NANNINI, 2007, p. 31)

“Somente em 1808 foi autorizada a publicação de obras escritas no Brasil, com o estabelecimento da Impressão Régia por força do decreto assinado por D. João, o Príncipe Regente, na época encabeçando o governo português.” (ZILBERMAN, 2007, p. 249) Contudo esta produção era de quantidade insuficiente para ser considerada uma produção literária infantil brasileira.

“A literatura infantil brasileira inicia com obras pedagógicas ou adaptações de produções estrangeiras, como *Robinson Crusóe (1885)* e *Viagens de Gulliver (1888)*, com tradução de Carlos Jansen ou *Contos da carochinha (1894)*, de Figueiredo Pimentel, que traziam os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen.” (NANNINI, 2007, p. 32)

Em 1905, surge a revista *O Tico-Tico* (de 1928 e 1953) mostrando a existência de um público infantil consumidor. No enredo da história havia situações e personagens relacionados com a cultura brasileira, a produção teve grande importância na criação do imaginário infantil brasileiro. A revista reunia diversas expressões culturais, com enfoque na literatura, mas abria espaços para os quadrinhos, arte que começava a se firmar no país, sendo assim,

Tico-Tico contou com a colaboração de grandes artistas e revelou que no Brasil do começo do século já era possível a atuação de uma indústria cultural. Com a produção da equipe dos artistas de *O Tico-Tico*, como o cartunista e ilustrador J.Carlos (fig.25), que fez capas e personagens para a revista infantil como Lamparina, Juquinha, e Max Yantok, abre-se o caminho para a ilustração brasileira [...] (Idem, p. 33)

Segundo Ramos, em 1915, *O Patinho Feio* de Richter significou um marco na

publicação de livros no Brasil, devido ao fato da nossa tradição visual estar habituada no branco e preto. Ele desenvolveu em suas ilustrações a policromia, uma técnica que usa mais de três cores, tendo sido feito com quatro tintas diferentes.

A partir dele, muitos fatores possibilitaram o fortalecimento da presença da imagem nos livros destinados à infância no Brasil. Destacam-se entre eles: o aumento da escolarização, o aperfeiçoamento das técnicas gráficas, as mudanças sociais que valorizam o papel da infância, com o incentivo ao desenvolvimento de produtos voltados para os pequeninos. E, talvez o mais importante, o surgimento de estudos que demonstram a importância das ilustrações no fomento à formação de novos leitores. Ao estimular a fantasia, as imagens se transformam em elemento fundamental para a fruição da leitura e contribuem para o processo de alfabetização. (2011, p. 28)

A literatura infantil brasileira tem início com Monteiro Lobato, um dos grandes nomes da literatura que em 1920 editou em São Paulo, o livro *A menina do narizinho arrebitado*. Lobato cria um universo cheio de ficção, com uma literatura centralizada em alguns personagens. Desta forma, podemos perceber que a história da literatura infantil no Brasil é recente e ainda é difícil traçar uma história do gênero em nosso país.

A primeira edição do livro foi ilustrada por Voltolino, foi um dos mais importantes caricaturistas de São Paulo no início do século. Segundo Camargo (1995) ele utiliza desenhos simples e com forte espírito de sátira. “Ao desenhar para crianças, Voltolino não adapta seu desenho, não adocica nem angeliza o traço. Ao contrário, conserva as mesmas características” (apud NANNINI, 2007, p. 35)

Em 1941, a editora Civilização Brasileira publica *Negrinho do Pastoreio* [...] lenda gaúcha recontada e ilustrada por Werneck. O livro foi feito com ilustrações coloridas e em preto e branco. Em 1955 foi publicado o volume *A vida em vários países*, da coleção *O mundo da criança*, onde Paulo Werneck ilustrou várias histórias brasileiras, como *Uma festa no céu*, *A onça e o coelho*, *A lenda da Vitória Régia*, dentre outras, e histórias sobre dias festivos. (NANNINI, 2007, p. 37)

Nos anos 60, surge uma publicação importante criada por Ziraldo, a revista em quadrinhos *Pererê*, no qual aponta assuntos sobre os problemas sociais, econômicos, políticos e sociais. Os personagens da revista são figuras conhecidas das lendas brasileiras, como a figura do Pererê inspirado no saci. Em 1969, Ziraldo destacou-se ilustrando o livro *Flicts*, uma história de uma cor à procura do seu lugar no mundo,

No Brasil, os reflexos de todos esses fenômenos culturais também provocaram mudanças na formatação do livro, aumentando o poder da

imagem. Depois de *Flicts*, outra novidade veio pelas mãos de Juarez Machado (1941-), artista plástico que em 1976 lançou no país *Ir e Vir*, obra destinada a crianças em que a experiência da imagem é radicalizada. O livro dispensou as palavras. Feito apenas com desenhos, sem ter uma ordem correta – tanto podia ser lido de trás para frente como ao contrário –, a história daquelas pegadas indo ou saindo (a dúvida é provocada pelas imagens) do chuveiro surpreendeu por não dar rosto a uma personagem. A identidade estava apenas nas marcas dos pés e na imaginação do leitor. (RAMOS, 2011, p. 63)

Segundo Mokarzel (1997), nos anos 70 ocorre o “boom da literatura para crianças”. A reforma do ensino tornou obrigatória nas escolas a leitura de autores nacionais, aumentando o interesse no mercado editorial pelos livros infantis. As editoras começam a se preocupar com a apresentação gráfica dos livros. “Texto e imagem passaram a compor um único objeto que, além da qualidade literária, tinha de ser visualmente atraente.” (apud NANNINI, 2007, p. 37)

Na década de 70, surge *A Revista Recreio* que foi um marco no imaginário da criança brasileira. “A criança ganhou um novo olhar, recebendo o mesmo tratamento inteligente dado por Monteiro Lobato em *O Tico-Tico*. Participaram da revista, Ruth Rocha, Joel Rufino, Ana Maria Machado. Nesta revista muitos ilustradores iniciam sua carreira.” (NANNINI, 2007, p. 38)

As produções de livros destinados a criança no nosso país teve um processo gradativo, mas tem o seu destaque nacional com importantes produções que fazem parte da história do país. “O objeto livro adaptou-se ao tempo. Agregou técnicas e discursos variados.” (RAMOS, 2011, p. 28)

No interior do livro, o texto verbal, era a característica principal dele, e na literatura infantil não era diferente, porém na década de 80, a ilustração começa a se destacar e recebe um novo olhar,

No começo dos anos 1980, surgem muitas novidades na edição dos livros infantis no Brasil. Foram significativas tanto no tratamento do texto, como no da ilustração. Um grupo de autoras dá novo rumo à literatura infantil brasileira. São elas: Lygia Bojunga (1932-), Ana Maria Machado (1942-), Fernanda Lopes de Almeida, Ruth Rocha (1931-) e Sylvia Orthof (1932-1997). [...] (RAMOS, 2011, p. 63)

Desta forma, não somente esses, mas vários são os profissionais que se destacam na arte da ilustração, que se destacam criando imagens expressivas, cheias de significados e ousadias, demonstrando emoções, medos, alegrias e humor. “Alguns artistas gráficos engajam-se cada vez mais na atividade de ilustrar, pesquisando formas e cores ao mesmo tempo em que buscam uma maneira mais eficaz de dialogar com o texto. Percebe-se a

construção de uma nova linguagem.” (NANNINI, 2007, p. 39)

2.2 A ilustração no contexto literário.

Iniciamos afirmando que há grandes discussões teóricas em torno da expressão “literatura infantil” e a sua definição, alguns consideram o termo infantil sendo uma desqualificação a literatura, que ao contrário também deve ter um rigor estético e uma boa qualidade que os demais livros literários possuem.

O fato de a literatura infantil ser escrita para a criança, não quer dizer que tenha textos e ilustrações de qualidade duvidosa, exige de igual forma do seu produtor um estudo, reflexão e preparo para a produção. A característica da literatura infantil é dirigir-se privilegiadamente ao leitor criança, sendo uma leitura específica para este público.

O livro para crianças, por sua configuração, caracteriza-se como um objeto artístico distinto do livro para adultos. Principalmente aqueles livros que as próprias editoras apontam como dirigidos às crianças de até cinco anos de idade, que no sistema escolar brasileiro atual encontram-se na Educação Infantil, têm características que permitem identificá-los, quase sempre, como objetos culturais pertencentes a essa categoria. É preciso ressaltar, entretanto, que um olhar mais acurado para esse tipo de literatura poderá revelar uma obra que extrapola em muito um objeto destinado apenas às crianças, uma vez que sua configuração estética permite diferentes níveis de leitura, além da pluralidade de linguagens que ali se apresentam. (CORRÊA, 2008, p. 91)

De acordo com Antonieta Cunha (2003) para agradar as crianças, as obras devem ter certas características importantes para o espírito infantil. Não deve haver a facilitação, a redução artística. A obra para crianças é a mesma obra de artes para adulto. As crianças apreciam demais os textos que apresentem imaginação e também aqueles que revelam o gosto pela vida, a alegria, o humor. (apud NANNINI, 2007, p. 20)

O ato de observar uma ilustração no livro exerce funções no pensamento da criança que a transforma, de modo especial, naquelas que hoje crescem em um mundo acentuadamente visual. Segundo Ligia Cademartori em seu artigo, “as crianças são ávidas leitoras de imagens, que nelas exercem poder encantatório, tão logo os pequenos leitores abram o livro e comecem a folheá-lo.” (2008, p. 80) A fim de garantir o interesse e adesão das crianças ao objeto livro, é preciso cuidar com as características pertencentes a um livro de boa referência.

Neste sentido, o ato de selecionar um livro para uma criança necessita que tenhamos

critérios na escolha, considerando a faixa etária, os interesses, a qualidade estética e literária do livro, dentre outros fatores. A criança no exercício de tornar-se leitora busca alternativas correspondente ao interesse dela, que inclui a fase do desenvolvimento que ela está passando,

Outro ponto interessante a se observar nas obras é o estágio de desenvolvimento da criança, principalmente em relação ao domínio do código verbal, pois para as crianças muito pequenas, o desenho das palavras é um sinal incompreensível, sem significação. A ilustração (desenho, fotografia, recorte) é um sinal que elas traduzem facilmente, é um ícone. Este sinal ou signo mantém relação bem próxima na aparência, com o objeto representado, e é imediatamente entendido pelo pequeno leitor. Para as crianças que não dominam o código verbal, é importante a imagem, devendo assim prevalecer a ilustração. (CUNHA apud NANNINI, 2007: p. 21)

A ilustração desempenha papel fundamental no livro, “as imagens não são uma mera representação explicativa ou elucidativa do texto escrito, pois ampliam as possibilidades significativas do verbal, enriquecendo-o sobremaneira.” (CORRÊA, 2008, p. 92) Desta forma, percebemos que o objetivo não é apenas para enfeitar as páginas, o visual tem papel complementar ao verbal, ambos essenciais no universo literário.

No entanto, se livros de imagem representam, para a criança pequena, uma excelente entrada no mundo dos livros, quando estão sendo dados apenas os passos iniciais no processo de alfabetização, não são menos valiosos quando esse processo está já em pleno desenvolvimento: livros de imagem, como livros em que texto e ilustração se associam, suscitam formas específicas de interação com o universo gráfico, despertam diferentes modos de ler e de apreciar os livros e por isso têm lugar importante na formação de leitores tanto infantis quanto juvenis e também adultos. (SOARES, 2008, p. 29)

A fim de refletir sobre o papel da ilustração nos livros infantis, destaco uma breve passagem, na qual é frequentemente citada por estudiosos desta área, “Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada que fazer; espiara uma ou duas vezes o livro que estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, “e de que serve um livro” pensou Alice, “sem figuras nem diálogos?”. (CARROLL, 2009, p. 13)

Esta narrativa se encontra nas primeiras páginas do célebre livro “Aventuras de Alice no País das Maravilhas” (2009) analisando o questionamento que a personagem do livro apresenta, podemos relacionar com a importância das imagens no interior do livro infantil, na qual já intuía Lewis Carroll quando escreveu esta história (1832-1898).

Ela reivindica a importância da ilustração, dando-lhe o status de imprescindível em um livro. A revolta da menina é compreensível: ela queria “ler” o livro pelas ilustrações. Havia sido capturada pelo poder da imagem.

Além de apresentarem grande capacidade de persuasão e significação, desenhos em um livro estabelecem comunicação eloquente com aquele que os usufrui. Crianças de ontem e de hoje gostam de ser fisgadas à primeira vista por imagens. (RAMOS, 2011, p. 56)

Neste sentido, cito Cademartori (2008) que comenta uma pesquisa realizada pelas autoras Arizpe e Styles (2004), na qual analisam as respostas das crianças em uma análise minuciosa da leitura de imagens,

[...] pode-se dizer que o processo de ler uma imagem inicia pela observação do esperado, daquilo que é ordinário. Mas, em seguida, os pequenos focam seus olhares, com redobrado interesse e maior investimento de tempo, na observação do inesperado, daquilo que os surpreende, por se mostrar com caráter de extraordinário. É nessa segunda etapa da observação que surgem perguntas, formam-se deduções, são levantadas hipóteses, a serem confirmadas ou negadas, à medida que o leitor infantil avança em sua leitura e conversa com colegas e professores a respeito. Reconhecendo o caráter de simultaneidade do código, as crianças atribuíram ao texto visual a capacidade de relatar algo de modo mais econômico do que o texto escrito. (CADEMARTORI, 2008, p. 86)

Com esta pesquisa, podemos perceber o sentido e abrangência que a ilustração desenvolve nos processos mentais de uma criança. “Os livros ilustrados conformam a principal literatura nos primeiros anos da infância, e a pesquisa vem documentar a variedade de respostas afetivas, intelectuais e estéticas que as ilustrações provocam em crianças de diferentes pertencas lingüísticas e culturais.” (Idem 2008, p. 86)

Na leitura de um livro há diferenças entre a lógica textual e a leitura da imagem, “onde a trajetória do olhar não é linear, ele percorre a ilustração em diversas direções, orientadas pelas características da imagem. Os componentes da imagem são hierarquizados segundo a intenção do ilustrador e o olho é guiado por essa hierarquia.” (NANNINI, 2007, p. 40)

De acordo com Azevedo um livro ilustrado é composto de, pelo menos, três sistemas narrativos que se entrelaçam: o texto propriamente dito (sua forma, seu estilo, sua linguagem, seus temas); as ilustrações (seu suporte são o desenho, colagem, fotografia, pintura e também, em cada caso, sua linguagem, seu estilo e seu tom); o projeto gráfico (a capa, a diagramação do texto, a disposição das ilustrações, a tipologia escolhida, o formato e o tipo de papel). (2005, p. 15)

Desta forma, cada livro possui seu aspecto próprio, por isso nos dias de hoje, possuímos um universo imenso de livros infantis, com características peculiares dependendo do modelo, tamanho, cor, estilo e o assunto que a história vai contemplar. Sendo assim, a

ilustração aparece de diversas formas no livro infantil, de acordo com Faria (2004),

[...] em livros ilustrados com qualidade estética, texto e imagem se articulam de modo que ambos colaboram na compreensão da narrativa. Novas informações são trazidas sucessivamente pelo texto e pelas imagens. “A articulação equilibrada entre texto e imagem provém do uso ideal das funções de cada linguagem: a escrita e a visual” (apud NANNINI, 2007, p. 40).

As ilustrações desempenham diferentes funções no contexto literário, ou seja, existem graus de relação entre o texto e a imagem, mas o seu intuito é “A ilustração pode usar importantes elementos descritivos que se estivessem no texto escrito, o tornariam longo e pesado. Na imagem, a descrição da cena ilustrada pode comportar um grande número de detalhes, apreendidos rapidamente pela leitura circular da imagem e sua assimilação instintiva e imediata. E a ilustração também pode apresentar detalhes da cena.” (NANNINI, 2007, p. 41)

Diante das diferentes possibilidades que a ilustração apresenta no livro, elencaremos os tipos de relação e quais as características de cada uma delas no interior do livro infantil, a fim de compreender as variações de livros existentes dentro deste universo amplo e diversificado. Esta diferenciação é importante para o leitor, especificamente o professor, para poder ter uma compreensão mais adequada no momento de selecionar um livro.

2.2.1 Livros de imagem

Entre 1929 e 1931, por Pane Fancher, propagou-se o livro de imagem para crianças de forma específica na Europa Central. Podemos refletir com Nelly Novaes Coelho,

Imbuído dos princípios escolanovistas, os livros são projetados para tornar a criança leitora participativa do seu processo educacional, mediante os livros “álbum de figuras/álbums du Père castor” que pudessem “tocar diretamente a imaginação e a inteligência das crianças”. Primeiramente a produção editorial deteve-se a álbuns-jogos e progressivamente o “elemento literário” foi incorporado com o intuito de que a linguagem iconográfica e a verbal formassem um par perfeito. (apud DEBUS, 2006, p. 103)

Este livro apresenta muitas possibilidades por ter no seu interior somente ilustrações, ou seja, imagens que fazem o leitor criar a história através da linguagem visual. Para este tipo de livro encontramos variadas denominações, como: livro de figuras, livro sem texto, livro mudo, história sem palavras e entre outras nomenclaturas.

Segundo Azevedo (2005) os *livros de imagem* não possuem textos escritos, cujo

enredo é criado e construído exclusivamente através de imagens. Neles o conjunto de imagens é o próprio texto da obra, o artista-solo que brilha sozinho e ocupa todos os lugares do livro, é, portanto, um texto visual. Como comentário, é preciso dizer que tais livros são muitas vezes considerados exclusivamente infantis, destinados a crianças que não sabem ler. Trata-se de um engano: os livros de imagem trabalham com uma linguagem cheia de possibilidades e podem, inclusive, ser dirigidos especificamente ao público adulto. (2005, p. 16)

No período que antecede o domínio do código escrito, a imagem auxilia na leitura e dá à criança a sensação de estar construindo a história. A história do livro de imagens no Brasil é recente, o que não desmerece a qualidade desse acervo. Marcado pela ironia do destino, o primeiro livro brasileiro só de imagens, de autoria do artista plástico catarinense Juarez Machado, denomina-se *Ida e Volta*. Título sugestivo pelo próprio percurso que o livro seguiu. Desenhando no último ano da década de 60, o seu criador não encontrou receptividade das editoras brasileiras, descrentes da existência de leitores para um livro composto só de gravuras. Em 1975 o livro ganha asas, ou melhor, editoras. A primeira publicação foi o resultado de uma co-edição Holanda/Alemanha, seguida de edições paralelas em outros países como França, Holanda e Itália. No Brasil, o livro chega ao público em 1976, pela editora Primor, depois de vencer a barreira de publicação somente em países do exterior. (DEBUS, 2006, p. 102,103)

Este tipo de livro possui características próprias e está começando a ganhar o seu espaço no meio educacional, gradativamente, sendo reconhecido e utilizado pelos profissionais da educação. Debus (2006) comenta em seu livro que o exemplo do primeiro livro de imagem no Brasil é a demonstração do quão recente é a consciência da importância da ilustração nos livros infantis e a desconsideração por um livro que traz em suas páginas a linguagem visual ou pictórica.

As imagens têm um papel fundamentalmente narrativo, incluindo descrição e ação. A história se constrói de imagem em imagem. A narrativa é fragmentada, por isso o autor deve ser muito claro e preciso nos elos de encadeamento, deixando bem visível a ligação com o quadro anterior. Há detalhes na história que devem se imaginados pelo leitor, e por esta razão que a ordenação das seqüências e cortes deve ter uma organização rigorosa. (NANNINI, 2007, p. 43)

No livro de imagem, o autor para criar a história, utiliza recursos artísticos, como a pintura e o cinema, pois não pode contar com as funções da palavra na narrativa. Cito alguns exemplos de livros com esta característica: *A Bruxinha atrapalhada* de Eva Furnari, *Noite de Cão* de Graça Lima, *A toalha vermelha* de Fernando Vilela, *O lenço* de Patricia Auerbach e dentre outros.

2.2.2 Livros que as imagens acompanham textos breves

Neste também conhecido como *livros imagem-texto* são aqueles que possuem frases ou textos breves, mas a ilustração é que preenche o espaço da página e caracteriza o livro. Na definição de Azevedo, “são livros em que as imagens vêm acompanhadas de textos escritos, mas estes são nitidamente secundários. Nessas obras, o conjunto das imagens é, sem dúvida, o protagonista principal.” (2005, p. 16)

Este tipo de narrativa faz com que a ilustração não se torne secundária, por conter elementos importantes nas imagens que auxiliam no entendimento da história. Estes livros privilegiam o contexto visual, mas integram palavras à narrativa. “Ocorre a inserção de imagens visuais e palavras num discurso narrativo que, pela relação entre os signos, estabelece o sentido, construindo a narratividade.”(NANNINI, 2007, p. 44)

Segundo Cademartori (1986) destina-se a um “leitor em processo de alfabetização”. Existe uma relação entre o verbal e o visual. Ambos se unem de forma que o verbal explicita elos que complementam o visual, são duas informações agregadas ao livro para contribuir com a leitura da criança. (apud NANNINI, 2007, p. 44) Entre alguns livros neste formato, estão: *Vacas não voam* de David Milgrim, *O menino azul* de Cecília Meireles, *No mundo do faz de conta...* de Fernando Luiz (Fê) e entre outros.

2.2.3 Livros onde imagem e texto desempenham a mesma importância.

Estes livros também podem ser chamados de *livros mistos*, por ter a característica de mesclar a imagem e o texto,

casos em que texto escrito e imagens dividem em pé de igualdade essa espécie de palco que é o livro. Aqui, ambos são protagonistas e atores principais. Nesse tipo de livro, texto e imagem estão nivelados e atuam sinérgica e dialogicamente. Pode-se dizer que o “texto” do livro é constituído pela soma do texto escrito e das imagens. [...] Ressalto que aqui e nos próximos itens, o projeto gráfico pode ganhar enorme relevância chegando, inclusive, a acrescentar novos significados ao texto. [...] (2005, p. 15,16)

Neste caso, a ilustração pode introduzir elementos novos que não se encontra no texto verbal ou que colabora para tornar mais clara a história, que apenas a leitura pela criança não poderia complementar. Alguns exemplos deste tipo de livro: *O Menino Maluquinho* de Ziraldo, *Chiquita bacana e as outras pequetitas* de Ângela Lago, *Aviãozinho de papel* de

Ricardo Azevedo e dentre outras opções disponíveis.

Em Nannini (2007) refletimos que “livros com texto de extensão média, a ilustração tende a se afastar de suas funções de complementaridade, colaborando com o escrito de formas variadas. Texto e imagem devem formar um todo, cada um tem sua importância no livro.” (p. 45)

2.2.4 Livros em que a imagem é secundária ao texto

Podemos identificar como *livros texto-imagem*, segundo a nomenclatura criada por Azevedo (2005), para identificar os livros que o texto se sobrepõe a ilustração, assim são “livros em que o texto vem acompanhado de imagens, mas essas são nitidamente secundárias. Neles o protagonista principal é, sem dúvida, o texto escrito. Aqui, as imagens, em geral, pequenas ilustrações e vinhetas, atuam como atores coadjuvantes.” (p. 15)

Neste tipo de livro o texto, em geral é mais longo e denso, a ilustração fornece algumas pinceladas de uma cena importante da história, ou algo que representa uma ação importante do texto. O essencial é o que contém no texto verbal, sendo necessário apresentar este material para uma criança que já domina o código alfabeto e tem familiaridade com a leitura. Alguns exemplos deste tipo de livro: *O bordado encantado* de Edmir Perroti e ilustrações de Helena Alexandrino e dentre outros livros.

CAPÍTULO 3:

REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA

Nesse capítulo apresentarei aspectos da pesquisa que foram discutidos nos capítulos anteriores em consonância com o trabalho que foi realizado com as crianças. Explicarei quais foram os caminhos da pesquisa, o que foi realizado neste período com as crianças, a uma breve caracterização do grupo e da instituição, bem como apontar as reflexões feitas a partir do que foi vivido. Estes apontamentos serão embasados pelas referências e autores selecionados para orientar a pesquisa em campo.

3.1 Caracterização da instituição e do grupo de crianças

O campo de pesquisa é uma instituição localizada na região central de Florianópolis, onde existe o atendimento voltado para a educação infantil, recebendo crianças com a faixa etária compreendida entre 3 e 5 anos de idade. O espaço acolhe crianças de diversas realidades culturais, sociais e econômicas. O atendimento é oferecido em turno integral, sendo o período do dia inteiro, ou parcial, turno matutino ou vespertino.

Existem salas fixas para os grupos do período integral, já os grupos do período parcial trabalham com salas ambientadas, ou seja, recebemos a criança em uma sala e durante a tarde, após o lanche, é realizada a troca de sala. Possuem os seguintes nomes: *Faz de Conta*, *Encanto das Letras*, *Pintando o 7* e *Quebrando a Cuca*. O primeiro espaço são voltadas para o cunho artístico, tendo uma arara com fantasias, um pequeno palco, caixas com brinquedos diversos, prateleiras com bonecas, tem uma penteadeira e armário com recurso audiovisual. Neste espaço são realizadas atividades voltadas a fantasia, teatro, música, bem como propostas com brincadeiras diversas e filmes. O *Encanto das Letras* possui prateleiras com variados livros e gibis, mesas coletivas com cadeiras, também possui o alfabeto em madeira, jogos educativos, como quebra-cabeça, da memória. Neste realizamos atividades literárias, de contato com alfabeto e os numerais, bem como propostas em folhas. No *Pintando o 7* são destinadas as atividades de caráter artístico, pois possui uma mesa coletiva maior, objetos diversos para trabalhar com pintura, colagem, pincéis, rolos de pintura, materiais recicláveis e entre outros. É uma sala ampla que possibilita propostas diferentes. No *Quebrando a Cuca* há duas mesas coletivas com cadeiras e armários com variados tipos e modelos de jogos educativos, memória, quebra-cabeça, encaixar, montar, e criar. É uma sala que possibilita concentração e desafios para a criança conseguir desenvolver. A pesquisa foi realizada

acompanhando o cotidiano pedagógico do grupo, sendo realizada nestes quatro espaços ambientados, pois acompanhou a rotina e a proposta, da troca dos espaços ambientados.

A troca de espaços é uma alternativa de trabalho diferente que possibilita desenvolver propostas cada qual em seu espaço apropriado, como a escrita, a pintura e o desenho, a fantasia, a musicalidade, o raciocínio lógico, variados tipos de jogos e dentre outros. São quatro espaços que tem o objetivo de desenvolver diferentes propostas, assim o planejamento segue os espaços que estaremos em determinado momento, mas nada impede de adaptarmos diante da programação já estabelecida destes espaços.

Além das salas e dos espaços ambientados, a instituição possui uma sala de informática com mobiliário adaptado para as crianças utilizarem; dois parques com brinquedos próprios; casinha de areia; refeitório; ginásio de esportes; uma ampla biblioteca; e a brinquedoteca no qual é uma sala com brinquedos de madeira, jogos de encaixar, cantinho da cozinha, casinha de madeira, carrinhos, cavalo de pau, bolas para pula-pula, barraca, entre outros objetos lúdicos.

Estes espaços localizados na instituição são frequentados semanalmente, pois, cada turma possui uma programação com horários definidos para estar nestes locais e utilizarem cada qual da sua maneira. Estes espaços auxiliam no trabalho pedagógico, pois possibilita alternativas diversas para as crianças, para além do projeto que está sendo trabalhado pelo professor.

A pesquisa de campo foi realizada com um grupo que frequenta a instituição no turno vespertino, a permanência na instituição é da 13:00 até as 18:00. É um grupo composto por 15 crianças, com a faixa etária entre 3 e 4 anos, sendo o primeiro ano destas crianças na instituição. Algumas destas crianças não haviam passado por outra experiência, sendo esta a primeira em uma instituição educativa.

A pesquisa em campo foi realizada com o meu próprio grupo, na qual caracteriza um trabalho de pesquisa-ação. Assim, foi elaborado um projeto para ser desenvolvido com as crianças ligado a temática desta pesquisa, a fim de levantar questionamentos e observar na prática como que é a função das imagens nos livros infantis com as crianças pequenas.

Desta forma, cada criança, grupo e instituição têm sua especificidade e esta pesquisa acompanha as situações cotidianas específicas desta instituição. Sendo assim, tivemos alguns imprevistos e situações não planejadas durante a pesquisa, por considerar um espaço plural e heterogêneo com realidades diversas.

3.2 Caminhos percorridos.

A pesquisa iniciou-se com a busca de referências bibliográficas concernente ao tema deste trabalho. Os autores que fundamentaram o estudo foram Santaella (2012), Ramos (2009), Góes (2005), Nannini (2007), Azevedo (2005), Vigotski (2009) e entre outros que são citados ao longo trabalho. Contudo, gostaria de apontar a dificuldade em conseguir referências com esta temática sobre a ilustração nos livros infantis, e afins, a arte da ilustração em livros infantis, a função da imagem no campo visual e entre outros assuntos relacionados.

Posterior a pesquisa bibliográfica foi realizado um inventário sobre livros infantis, com intuito de selecionar livros que pudessem ser utilizados com o grupo de crianças, na pesquisa. Foram consultados sites de editoras; bibliotecas; livrarias; a Feira do Livro em Florianópolis que ocorreu em maio deste ano; livros e ilustrações premiados pela FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) e livros que receberam o Prêmio Jabuti (Câmara Brasileira do Livro).

Por meio do inventário veio o conhecimento de uma infinidade de livros infantis ilustrados no mercado editorial. Os livros foram observados, folheados e lidos. As opções aumentavam e a seleção diante deste universo fantástico que é a literatura infantil, foi difícil. Sendo assim, foram colocados alguns critérios para a escolha, dentre eles: a preferência por ilustradores brasileiros, que tivesse recebido algum prêmio nos últimos anos de algumas das fundações brasileiras voltadas ao livro; livros que correspondessem ao interesse e curiosidade da faixa etária das crianças; a arte presente nas ilustrações; diferentes técnicas artísticas (aquarela, colagem e outros); imagens fora do circuito comercial e televisivo; imagens que não sejam estereotipadas.

Mesmo indicando alguns critérios, havia muitos exemplares e foi difícil realizar a escolha final para trabalhar com as crianças. Foram selecionados três tipos diferentes de livros: livros em que a ilustração e o texto têm o mesmo valor, livros com textos breves e a ilustração como destaque textual, e livros de imagem. A escolha por estes tipos de livros foi para observar a relação que as crianças estabelecem com a imagem considerando a diferença das propostas de ilustração. Como a pesquisa tem o intuito de trabalhar a leitura de imagens, estes tipos de livros oferecem mais elementos para a observação, até mesmo aquele que texto e imagem têm o mesmo peso.

Depois do inventário e da indicação de critérios foram selecionados dois livros, assim os livros escolhidos para trabalhar com as crianças foram: *Aquarela* de Janaina Tokitaka, *O*

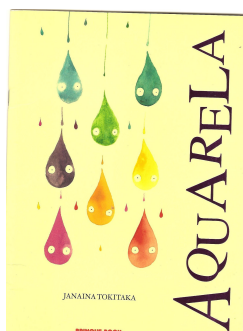


Ilustração 1: Capa do livro misto "Aquarela."

O livro *Aquarela* de Janaina Tokitaka, editora: BRINQUE-BOOK, narra a história dos caminhos no qual passa uma gota de água, interrogando o leitor se a água tem cor? Ou tem cheiro? Com isto ele envolve as crianças na narrativa, demonstrando as formas e os desenhos possíveis que a água forma com as misturas de cores. O enredo da história brinca com uma gota de água criando cores, contornos e figuras que provocam a imaginação. As ilustrações são realizadas com a técnica da Aquarela, sendo que texto, ilustração, título e sentido do livro estão entrelaçados. O livro ganha sentido através das cores, sendo que alguns desenhos possuem formas definidas e outros são abstratos.

A ilustradora é formada em Artes Plásticas pela ECA-USP, em 2005 iniciou sua carreira como ilustradora colaborando para a Folhinha do jornal Folha de S. Paulo. Em sua entrevista para a revista Crescer⁵, a autora afirma, que a ideia do livro surgiu quando estava observando duas crianças brincando de colorir. As duas conversam qual a cor da água e a autora pensou na possibilidade da água adquirir muitas outras cores. A aquarela é sua técnica preferida para ilustrar, pois permiti criar as gradações de cores e variar a intensidade dos tons.

O livro *O Jornal* de Patricia Auerbach, editora: BRINQUE-BOOK, é de imagens, exigindo uma leitura visual, inicia as primeiras páginas com dobraduras de jornal e segue com um menino, interessante observar que ele não tem boca, olha o seu pai sentado em um sofá lendo um jornal. O menino pega o jornal e começa a observá-lo entediado, faz uma barraca com jornal e dentro dele pensa no que poderia inventar, brincar ou fazer naquele momento. As páginas do livro disponibilizam espaços em brancos com traços simples e próximos da realidade das crianças, representa cenas de movimento. Segundo Cademartori (2008), "[...]

⁵ Disponível em: <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI309220-10460,00.html>

Quanto menor for o leitor, mais importante se torna a escolha tipográfica. Espaços em branco, chamados de área de respiro do texto, são igualmente apreciados, por exercerem papel importante no ritmo de leitura. Espera-se que essas áreas de descanso visual, como todo o resto, sejam usadas em função do projeto editorial e do público que pretendem alcançar.” (p.88)

Ele começa a ter ideias e criar brinquedos, dobraduras, formas de locomoção, enfim muitas alternativas a partir daquele objeto que inicialmente parecia sem sentido para ele. Assim, o menino utiliza o jornal para arquitetar uma prancha para surfar, um tapete mágico para viajar até um castelo, uma espada e um chapéu para tornar-se um cavaleiro e tantas outras invenções. A história visual permite dar asas a imaginação, proporcionando possibilidades de criação com objetos simples.



Ilustração 2: Capa do livro de imagem “O jornal”.

A ilustradora estudou Arquitetura, trabalhou com criação publicitária e como professora de história da arte. Este livro foi o vencedor do prêmio FNLIJ 2013 de melhor livro ilustrado. Em sua entrevista⁶ para a editora BRINQUE-BOOK, afirma que objetos simples são convites à imaginação e que estas histórias nasceram de brincadeiras realizadas com seus filhos e outras crianças que conhece. Afirma que o livro de imagem tem a vantagem que o leitor constrói sua própria história.

Inicialmente pensamos em desenvolver oito encontros específicos para a pesquisa, estes descritos em tópicos no plano de trabalho⁷, realizado para elencar as atividades propostas de acordo com o livro. Mas, diante do que foi vivenciado e apresentado para as crianças, ocorreram algumas modificações que modificaram a quantidade de encontros que pensávamos, bem como a quantidade de livros a serem trabalhadas. Em vez de três livros foram trabalhados dois e, em cada livro estendemos o número de encontros para

⁶ Disponível em: <http://www.brinquebook.com.br/blog/bate-papo-com-patricia-auerbach/>

⁷ Disponível em Anexo 1.

desenvolvermos mais propostas através da leitura dos livros, sendo no total de vinte encontros envolvendo a temática do livro.

Este fatos levam a refletirmos que na pesquisa em campo é necessário ajustar o tempo, a disponibilidade, as situações reais da organização na instituição e contar com a programação que cada grupo possui durante a semana. Em alguns momentos, por existirem situações imprevistas no cotidiano, como sou a professora do grupo, tentava deixar para o outro dia ou encaixava em outro momento dividindo o tempo da pesquisa com as demais atividades que o grupo possui semanalmente.

Inicialmente a pesquisa foi programada para ser realizada no mês de junho, mas devido a diversos fatores ocorridos durante o processo e os indicativos de interesse que as crianças mostravam pela temática, dias que tivemos jogos de um torneio mundial que aconteceu no nosso país e vinha poucas crianças para a aula, o fato de adequarmos as propostas com a programação semanal que elas possuem em outros espaços de complemento pedagógico, como é o caso da informática, brinquedoteca, ginásio, por estes fatores a pesquisa estendeu-se para os meses de junho e julho.

No intuito de documentar o que foi vivenciado utilizei como forma de registro, a fotografia, uma filmagem e o diário de campo⁸ com a sequência dos dias que foram realizados as atividades, reflexões do que foi observado, anotações de atitudes das crianças, questionamentos que inquietaram no decorrer da pesquisa. Este último foi um importante instrumento para conseguir lembrar o que foi vivenciado, bem como realizar as reflexões necessárias para a pesquisa.

Com esta pesquisa busco observar qual o olhar das crianças sobre as imagens dos livros selecionados, busco refletir sobre a temática e trazer questionamentos para a pesquisa. Embora tenha levantado algumas hipóteses, o objetivo não é responder todas as respostas, pois não temos uma conclusão definitiva, pois o intuito foi dialogar com as crianças e proporcionar experiências com as leituras visuais que o livro proporciona.

3.3 Relatos da pesquisa

Diante do que foi vivido no campo de pesquisa, tivemos muitas anotações e observações realizadas, contudo selecionarei algumas reflexões feitas durante este período concomitante com referências teóricas para dialogar com as análises realizadas. Iniciando a

⁸ Disponível em Anexo 2.

pesquisa, o primeiro livro que foi apresentado era o *Aquarela*, sendo um livro em que texto e imagem se complementam. A primeira observação, durante a leitura deste livro, foi feita por uma criança do grupo, na qual podemos acompanhar o trecho retirado do diário de campo, “Em uma página do livro, a criança A⁹ perguntou por que escorria tinta na imagem ilustrada. Considerei sua observação instigante, e seu comentário foi importante para contextualizar como a aquarela é utilizada, a fim de explicarmos a técnica da aquarela. Não havia percebido este aspecto na ilustração, mas ela observou e logo questionou, expliquei que as ilustrações foram realizadas com um material que é denominado Aquarela, referente ao título do livro, sendo uma tinta aguada, pois é necessário usar água para aparecer a cor, talvez por esta razão escorreu água na ilustração. Também expliquei que iríamos conhecer este material.”

É importante observar e sinalizar como foi construída a ilustração do livro que está sendo trabalhado, neste caso, avisei que as ilustrações foram realizadas com a Aquarela e o próprio título era referente a técnica utilizada. “Para o leitor infantil, fica fácil de identificar técnicas próximas ao seu cotidiano, como lápis de cor, recorte e colagem; outras, no entanto, por sua complexidade, mereceriam mais atenção do editor, que deveria, por respeito ao público consumidor, nomeá-las, o que não acontece.” (DEBUS, 2006, p. 103)

Outro indicativo desta criança demonstra o quanto ela estava concentrada nos detalhes da ilustração, observando até a tinta que escorria na página, assim com as palavras de Camargo (1987) podemos compreender “[...] a linguagem da ilustração é abrir-se para o livro de imagens que é o mundo. Estar atento, sensível, às linhas, formas, ao brilho, à luz, às nuances de cor, aos vazios, ao espaço em que vivemos – e não apenas às chamadas “obras de arte”.” (p. 56)

O autor chama a atenção para a sensibilização no mundo através dos traços, das formas, das imagens presentes em tudo que nos rodeia, especificamente nas ilustrações da literatura, que é uma forma de arte, “a imagem aponta para um sentido que está além do concreto, referencial, literal. Frequentemente são imagens inusitadas, uma atmosfera de sonho, fantasia ou ocultismo.” (Idem, p. 59)

As ilustrações no livro, tem uma função específica de atrair os olhares e encantar o leitor, no sentido de tornar o olhar mais sensível aos detalhes do livro,

Dizer que as ilustrações animam os livros é afirmar isso, pois, etimologicamente, “animar” deriva do latim *anima*, que significa alma, sopro. A alma é aquilo que anima, que dá vida aos corpos. A palavra

⁹ As crianças que fizeram parte desta pesquisa, serão referenciadas por letras, para a garantia do anonimato delas.

“ilustração”, por sua vez, tem em sua raiz “luz”. As ilustrações dão vida e luz aos livros. E isso falo a partir de uma experiência bem concreta como editor, ao ler os textos antes de ilustrados e ver, depois, como as imagens os iluminam e lhes dão vida. Ao chegar à editora um pacote ou CD com ilustrações, é um verdadeiro alumbramento abrir e ver todas as imagens. Imagino que esse mesmo prazer é experimentado pelos leitores ao abrirem um bom livro. (ALENCAR, 2009, p. 30)

Neste sentido as ilustrações apresentam múltiplos significados e sentidos para uma criança, quando a criança da pesquisa, questionou sobre aquela tinta escorrendo talvez não tenha feito a associação que era pelo fato da aquarela ser uma tinta mais aguada, por ainda não ter esse conhecimento. Por este motivo é necessário estar atento aos indicativos que as crianças apresentam e assim, utilizarmos isso para ampliarmos nosso trabalho pedagógico com o grupo no qual trabalhamos. No plano de trabalho já previa apresentar esta técnica para as crianças, mas se não tivesse no meu planejamento poderia incluir a fim de somar com as dúvidas das crianças que sentem o desejo pela descoberta.

Para apresentar o próximo trecho do diário de campo, é necessário explicar que o grupo frequenta a biblioteca semanalmente na instituição, no qual realizamos a leitura de um livro infantil e depois as crianças escolhem um livro, afim de levar para casa e ler com as famílias. Desta forma, este trecho que apresentaremos, representa o momento da devolução do livro no momento da chegada, assim a fala apresenta que a criança não tinha como ler o livro, pois não havia palavras. Contudo, se não houver novas possibilidades para as crianças, elas vão continuar com o mesmo repertório cultural e de aprendizagem.

Esta fala representa que a mãe não conhecia ou ainda não tinha acesso a este tipo de livro, como podemos observar nas anotações do diário de campo, “Recebendo o livro perguntei se ela havia gostado do livro, logo a mãe respondeu: Não tem nada para ler! E começou a rir. Então, folhei o livro e respondi explicando que era um livro de imagens onde a leitura era feita através das ilustrações. Ela respondeu: Ah tá! Resolvi relatar esta situação, em forma de registro, pois esta reação é pertinente, a fala da mãe vem ao encontro da afirmação por alguns autores, de como as pessoas ainda não estão habituadas com o livro apenas de imagem.”

Nas leituras feitas sobre esta temática, comentam que este tipo de leitura é recente no Brasil, um campo para ser desbravado e conquistado aos poucos, para isso é necessário considerar os aspectos positivos que este tipo de narrativa proporciona e como este universo é próximo da criança. “Dessa maneira, a criança não necessitaria das explicações do adulto para

fruir a história; e, o que é mais interessante, por meio de uma linguagem que lhe é extremamente familiar, haja vista quanto o desenho é importante na atividade da criança.” (FURNARI, 2005, p. 65)

Estas novas formas de aprendizagem necessitam ser apresentados e explicados no contexto educacional para que as famílias e as crianças não se desenvolvam e aprendam com apenas uma única forma de compreender o mundo, mas criar possibilidades para as diferentes leituras de mundo. Neste sentido, a intenção da pesquisa era proporcionar diversas experiências para as crianças a partir do contexto do livro, uma dessas era possibilitar atividades artísticas e visuais, utilizando diferentes técnicas de pintura. Assim, primeiramente utilizamos o Guache¹⁰, na criação do painel “Festa das Cores!” Como podemos acompanhar neste registro, “Foi uma experiência interessante e as crianças estavam ansiosas em participar, foi disponibilizado pincéis, tinta guache de diferentes cores em pequenos potes e um papel pardo no sentido horizontal (preso na parede). As crianças inicialmente demonstraram timidez, mas depois conseguiram entender a proposta e de forma espontânea molhavam o pincel nas cores e criavam o desenho desejado, seguindo a proposta das ilustrações do livro.”

A “Festa das Cores!” foi uma iniciativa que partiu durante a leitura do livro com as crianças, que em meio a tantas cores é possível utilizar a imaginação, sendo utilizado este termo no texto verbal da história. Era uma possibilidade de envolver as crianças para elas explorarem as cores, formas, posições do papel e espaços disponíveis. Como podemos analisar em Coelho (1997),

[...] na literatura infantil as cores devem ser bem vivas e contrastantes, pois, dessa forma, reforçam a alegria ou o bom humor sugerido pelo desenho. Mas, viabilizar que elas pintem as figuras podem ser importante para uma maior integração leitor-texto. Permitir-lhes liberdade no desenhar ou no colorir pode ser ainda mais poderoso no processo de aprendizagem. (apud WITTER E RAMOS 2008, p. 4)

Desta forma, o contato entre atividades artísticas e literárias são essenciais, ambas se complementam com a temática do livro, pois aproximam a criança da história que está sendo narrada, bem como da forma que ela foi ilustrado. A arte proporciona maneiras diversas de perceber o que está ao nosso redor, como podemos observar em Musquera (1976),

¹⁰ É uma palavra que provém do italiano *guazzo*, que significa “tinta de água”. O termo surgiu primeiramente no século XVIII, na França, mas a técnica é muito mais antiga, tendo sido utilizada com frequência no início do século XVI na Europa. É um tipo de pintura semelhante à aquarela, mas com uma consistência mais densa e opaca, devido à adição de pigmento branco, além de goma-arábica, como aglutinante. O resultado são cores mais fortes e menos transparente que as obtidas com as aquarelas. Na Idade Média já se usavam guaches nas iluminuras. Muitos artistas o usaram desde essa época até os nossos dias. (SANTAELLA, 2012, p. 44,45)

O contato com a arte desenvolve a sensibilidade, a imaginação, a criatividade do ser humano, possibilitando-lhe ainda um crescimento em termos de visão estética, emocional e intelectual do seu mundo. A arte oferece a possibilidade de transcender os limites dos acontecimentos cotidianos permitindo, ao indivíduo uma extensão da sua experiência na vida real e abrindo novas visões no sentido da fantasia e criatividade. (apud NANNINI, 2007, p. 46, 47)

Considerando este encontro com a arte importante, realizamos a experiência de apresentar a técnica da Aquarela¹¹, foi um momento de descobertas, no qual ficamos curiosos para conhecer o material e explorar o que poderia ser feito com o mesmo, segue o trecho do diário de campo, “Desto forma, primeiramente convido as crianças para realizar uma roda, a fim de apresentar o material, coloquei no meio os materiais que seriam utilizados para as crianças visualizarem. Elas estavam curiosas para saber o que era aquele estojo colorido, logo passei a pastilha da Aquarela para elas tocarem, a criança A perguntou: Por que está seco? Conversando com elas expliquei que estava seco, pois aquela pastilha de aquarela precisa de água para poder sair a cor desejada. Peguei o pincel que estava no estojo molhei um pouquinho na água e na pastilha, saindo a cor passei no papel para elas observarem, as crianças estavam encantadas com esta nova técnica. Em seguida, mostrei as ilustrações do livro que estamos trabalhando que foi utilizado a aquarela, assim realizei o movimento de observação dos detalhes da imagem.”

O contato desta técnica possibilita outra percepção, em relação aos materiais que as crianças já haviam experimentado, pois a aquarela tem um aspecto mais aguado e suave relacionado as outras tintas, como o guache, que comumente utilizamos em outras atividades. Considerando que estes materiais artísticos possuem preços mais altos, na grande maioria, tivemos que optar em fazer algumas adaptações, como descrevo adiante no trecho do registro, “As crianças utilizaram pincéis comuns em vez de pincéis próprios para a Aquarela, folhas de desenho com uma gramatura maior em vez de folha para Aquarela; estojo de Aquarela em pastilha simples (recomendado para crianças) em vez de um estojo profissional com várias cores em pastilhas ou bisnagas de Aquarela. Estas adaptações foram feitas pelo fato da dificuldade de encontrar materiais próprios para esta técnica e pelos valores destes, pois a

¹¹ Eis uma técnica muito antiga, cujo aparecimento está relacionado com a invenção do papel e dos pincéis de pele de coelho, ambos surgidos na China há mais de 2 mil anos. Trata-se de uma técnica de pintura na qual os pigmentos se encontram suspensos ou dissolvidos em água. Os suportes utilizados na aquarela são muito variados, embora o mais comum seja o papel com elevada gramatura. No ocidente, há vários exemplos do emprego desta técnica desde a Idade Média, como as aquarelas de Taddeo Gaddi (1300-1366), discípulo de Giotto di Bondone (1266/7-1337), que viveu até 1366 e produziu uma série de desenhos “aquarelados”, trabalhados sobre papel tipo pergaminho. (SANTAELLA, 2012, p. 44)

minha pesquisa não possui auxílio para a aquisição destes materiais.”

As pesquisas que envolvem técnicas de pintura, materiais artísticos são mais custosas, pois nas instituições educativas, em sua grande maioria, não são disponibilizadas estes tipos de materiais cotidianamente. Devido a este fator, é necessário adequar a realidade educacional no qual cada profissional trabalha, mas, também solicitar alguns materiais próprios para alguns projetos que exigem tipos de materiais diferentes, sendo essencial este contato para as crianças.

Este fato não quer dizer que para pensar uma proposta, o professor precisa de materiais muitos caros e elaborados, pois também é possível criar com objetos simples e materiais comuns. A seguir uma parte do registro que narra esta situação, “Com palitos de madeira e argolas de garrafa pet construímos a estrutura para formar as bolinhas de sabão, cada criança recebeu um de cada objeto, as crianças entregavam o material e eu colava com cola quente, depois deixamos secar para no outro dia realizarmos a brincadeira.”

Durante a pesquisa de campo, no livro *O jornal*, utilizamos materiais que a priori são simples, mas o livro traz essa perspectiva de imaginar objetos e várias situações com a matéria principal do livro, o jornal. Como podemos observar neste trecho, “Nas minhas observações percebi que durante a leitura do livro de imagens algumas crianças do grupo se dispersaram e pensei em apresentar novamente as imagens contando o que o personagem realizou com o jornal, falei que ele inventava e conseguiu viajar, surfar, montar barracas, ser um cavaleiro e outras situações que o personagem apresenta no livro. O livro mostra quantas coisas é possível realizar com uma folha de jornal, simples e comum, mas através da imaginação conseguimos realizar grandes coisas, até mesmo viajar para um castelo.”

A leitura do livro com as propostas realizadas podem ou deveriam criar elementos suficientes para a atividade criadora das crianças, entendendo este processo necessário e segundo afirmação de Vigotski,

A conclusão pedagógica a que se pode chegar com base nisso consiste na afirmação da necessidade de ampliar a experiência da criança, caso se queira criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade de criação. Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência – sendo as demais circunstâncias as mesmas -, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação. (2009, p. 23)

Durante a pesquisa percebi que a leitura deste livro, possibilitou um universo de criatividade e ludicidade, diante do que as imagens do livro apresentava, envolveram mais

brincadeiras, como podemos perceber no registro, “[...] o Pedro chegou com a sua mãe e mostrou um papel enroladinho e perguntei: O que é isso, Pedro? Ele é uma criança que tem algumas restrições na linguagem oral, não conseguindo entender com clareza o som das palavras. Assim, a mãe dele logo já explicou: É uma espada! Ele quer fazer toda hora essa espada! E comentei com a mãe que nós construímos na sala objetos para brincar, com dobraduras de jornais. Indicativos durante a pesquisa mostram que o livro, *O jornal* e as propostas realizadas com ele incentivaram as crianças a imaginar e construir brincadeiras.”

[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela. (VIGOTSKI, 2009, p. 22)

Como podemos observar, segundo Vigotski (2009), a imaginação é algo que depende das experiências culturais anteriores que a pessoa possui, ninguém cria algo se não há bases suficientes para isso. Por isso a necessidade de ampliarmos o repertório cultural das crianças nas quais trabalhamos, oferecer elementos para elas conseguirem criar, no intuito exercitar a imaginação. “A imaginação origina-se exatamente desse acúmulo de experiência. Sendo as demais circunstâncias as mesmas, quanto mais rica é a experiência, mais rica deve ser também a imaginação.” (Idem)

Com estas afirmações, a partir de Vigotski, podemos refletir que a atividade criadora não é algo natural, que nasce com a criança, o mesmo com a brincadeira e com a criação literária, assim podemos concluir,

A criação é também necessária ao ambiente infantil em que nasce e ao qual se destina. Isso, é claro, não significa que a criação infantil apenas surja, espontaneamente, dos impulsos internos das próprias crianças e que todas as manifestações dessa criação sejam totalmente iguais e satisfaçam apenas ao gosto subjetivo das próprias crianças. Na brincadeira, o mais importante não é a satisfação que a criança obtém brincando, e sim a utilidade objetiva, o sentido objetivo da brincadeira para a própria criança, que se realiza inconscientemente. Esse sentido, como se sabe, consiste no desenvolvimento e no exercício de todas as forças e inclinações da criança. Da mesma forma, a criação literária infantil pode ser estimulada e direcionada externamente e deve ser avaliada do ponto de vista do significado objetivo que tem para o desenvolvimento e a educação da criança. (VIGOTSKI, 2009, p. 91)

Estas reflexões demonstram o quanto o planejamento e o papel do professor é fundamental no processo de desenvolvimento das crianças, pois ele construirá oportunidades de aprendizado para que isso seja possível. “Da mesma forma, que ajudamos as crianças a

organizar suas brincadeiras, que escolhemos e orientamos sua atividade de brincar, podemos também estimular e direcionar sua reação criadora.” (Idem)

Desta forma, realizamos diversas atividades relacionadas ao livro *O jornal*, uma dessas foi a técnica da colagem¹², assim realizamos por etapas, sendo feito com recortes de jornais em um dia e a colagem em outro. Foi organizado dois grupos no intuito de dividir as crianças, para conseguirem colar, locomover, tocar nas folhas e ter autonomia para desenvolver esta atividade. A seguir, o trecho que narrei deste momento durante a pesquisa, “Foi interessante observar a construção deste painel artístico, é um conjunto de vários desenhos, letras, números e imagens que foram montadas aleatoriamente pelas crianças, não no intuito de deixar algo belo esteticamente, mas por criação e experimentação destes materiais. Ao longo da proposta, as crianças estavam muito concentradas, algumas ao passar a cola na cartolina, outras em colar os pedaços de jornais, outras ainda em selecionar a imagem que colariam na cartolina. [...] Desta forma, os dois painéis ficaram diferentes, pelo formato da cartolina os dois estavam em forma retangular, mas seria a disposição dos pedaços de jornais e os tamanhos destes.”

As diferentes experiências proporcionadas às crianças permitem que elas tenham contato com diferentes técnicas artísticas, bem como autonomia para criar e imaginar, como nos afirma Corrêa (2008),

Pode-se afirmar, então, que o livro infantil constitui um conjunto de sistemas semióticos, por que, além do verbal e da ilustração – que pode se subdividir em outras tantas linguagens, conforme a(s) técnica(s) utilizadas(s) – existe ainda um projeto gráfico a se considerar, com a variação de tamanhos e formatos, a profusão de cores, etc. (CORRÊA, 2008, p. 92)

Desta forma, nos momentos de proposição com as crianças percebi que elas interagem com as imagens e ilustrações que observavam no livro, a função visual que esta proporciona é fator que nos leva a pensar e planejar antes de selecionarmos um livro para apresentar ao grupo de crianças na qual trabalhamos. A ideia do alfabetismo visual é discutida por diversos autores que consideram tão necessário quanto o alfabetismo verbal, pois ambos devem ser ensinados,

O processo de alfabetização artística é semelhante ao processo de alfabetização verbal, porém resguardando as suas especificidades. Mas tanto um quanto o outro necessitam de um processo longo e demorado para o seu desenvolvimento. Porcher (1982, p. 230) diz que no processo de

¹² É uma composição que, para criar um motivo ou imagem, utiliza matérias de diversas texturas superpostas ou colocadas lado a lado. Foi utilizada por Pablo Picasso (1881-1973) e Georges Braque (1882-1963), entre outros. Não é uma técnica muito antiga. É criativa e bem lúdica, cujo procedimento consiste em juntar numa imagem, não apenas materiais diversos, mas também outras imagens de origens distintas. (SANTAELLA, 2012, p. 46)

alfabetização não existe espontaneísmo natural; é preciso dar às crianças instrumentos de expressão para que elas conquistem sua auto-expressão. (COSTA e CAMPOS, 2003, p. 65)

A partir deste conceito, podemos refletir a importância de praticar o olhar para fatos e objetos, no intuito de ver, do fazer e compreender as imagens. Assim, buscando alcançar estes objetivos apresentamos as crianças a leitura e apreciação de imagens, poderíamos realizar isso de diversas maneiras, como uma escultura, uma obra de arte e entre outros, mas seguindo o enfoque da pesquisa apresentamos através das ilustrações de livros infantis, como segue no trecho de registro, “No início da leitura não estava falando para observar o que partiria do grupo, somente mostrando as ilustrações, logo, a criança E, perguntou: Prof. você não vai ler? A observação dela indicou que aquele livro era diferente, então respondi: Este livro é de imagem, só de ilustrações. Depois da fala desta criança, comecei a dialogar mais com eles, falando e chamando a atenção aos detalhes das ilustrações. Senti que o grupo tem a necessidade de ouvir algo sobre a história apresentada, talvez pelo fato das crianças estarem habituadas em escutar livros com texto verbal, e nos livros só com imagens exige uma maior concentração visual. Quando perguntei o que o personagem estava segurando, a criança E respondeu: uma revista! E outros falaram que era um jornal. Algumas crianças comentavam que o personagem era uma menina e outros diziam que era um menino.”

Nesta situação quando mostrei o livro, quis observar as reações que o grupo teria em observar, chegando ao indicativo que eles ainda não possuem elementos próprios para analisarem sozinhos, que necessitam de auxílio para conseguir perceber aspectos importantes para a leitura.

[...] Por isso a importância de educar o olhar através da leitura de imagens nos livros infantis, assegurando um repertório de experiências estéticas e um vocabulário visual, o que favorecerá a leitura de imagens e de signos pela vida afora: filmes, artes plásticas, gestos, arquitetura, formas como se organizam fisicamente as cidades, imagens da TV, cinema etc. (ALENCAR, 2009, p. 29)

Desta forma, isto auxiliará as crianças para outras leituras, em relação, ao que foi trabalhado, fiz indicações com o grupo e refleti que preciso possibilitar mais experiências de contato visual com as crianças para poder exercitar o olhar delas, sendo um processo gradual para conseguir educar o olhar destas. O contato visual, possibilita a ampliação do olhar, contudo é necessário selecionar o que é apresentado, possibilitando uma educação estética de tudo que está ao redor das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi vivenciado e pesquisado, considero que as ilustrações nos livros infantis são verdadeiras obras de arte, a partir deste contato visual que elas causam, são essenciais para construção de significados nas brincadeiras, na relação com o outro e consigo mesmo, na criação do imaginário e entre outras situações. Por este fator, nós como profissionais da educação, devemos cuidar e analisar o que apresentamos para as crianças nas quais trabalhamos, pois estas imagens são meios para educar.

O universo literário para crianças sempre encantou meus olhos, não somente pelas palavras, mas pela forma que cada ilustrador realiza cada ilustração. Por isso, decidi buscar saber quais os significados que as crianças oferecem para a ilustração presente no interior dos livros. Assim, juntando o viés artístico e o literário, nas histórias de literatura infantil. As imagens presentes nos livros infantis são atraídas pelas crianças, principalmente, por aquelas que não são alfabetizadas ou em processo de alfabetização.

Neste sentido, ao mesmo tempo que as crianças são atraídas pelas imagens, elas também estão habituadas a escutar algo sobre aquela determinada imagem. Elas esperam para escutar o que narraremos sobre a determinada ilustração apresentada nos livros infantis. Considerando, que no contexto educacional a leitura visual é negada ou considerada menos importante que a leitura verbal, esta pesquisa buscou pesquisar o processo educativo que as imagens produzem.

Por este motivo, cheguei a conclusão que são necessários mais propostas e situações de aprendizagem que possibilitem o encontro com o alfabetismo visual, ou seja, que elas possam ter autonomia para analisar uma imagem, codificar os significados que estas querem transmitir. Nesta sociedade altamente visual, é quase prioridade, auxiliar as gerações mais novas a conseguir ter um olhar criterioso a tudo que os rodeia.

O ato de olhar deve ser reflexivo e dialógico, porém o meio no qual o indivíduo frequenta interfere, ou seja, o social, cultural, psicológico e físico vão influenciar na observação de uma imagem. Assim, a educação tem o papel primordial de elencar propostas de contato visual e ampliação do repertório cultural das crianças que fazem parte da primeira etapa da educação básica.

Com esta pesquisa busquei informações sobre o universo literário que inclui os ilustradores, no qual são profissionais qualificados para esta atividade, com formação na área de artes ou afins. Pesquisei sobre os diferentes tipos de técnicas utilizadas para realizar uma

ilustração, assim percebi quão necessário é o contato das crianças com diferentes técnicas artísticas, sendo possibilidades diversas para elas experimentarem.

Durante o processo da elaboração do projeto, delimitação do tema, escolha do que pesquisar, ida ao campo e outras etapas, houve diversos questionamentos que acompanharam a pesquisa. Desta forma, no processo da escrita deste trabalho de conclusão, indiquei reflexões e dúvidas relacionadas com a temática, mas considero que as pesquisas em torno desta área precisam ser desbravadas, sendo um campo fértil e cheio de significados para crianças e adultos que se interessam por este tema.

Assim, considero que a conclusão deste trabalho não se encerra por aqui, mas pretendo suscitar outras pesquisas relacionadas para ampliar o debate, necessário para o desenvolvimento da educação brasileira. Bem como, auxiliar nas reflexões dos profissionais que trabalham diretamente com as crianças, afim de analisarem os livros que selecionamos para apresentar as crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ricardo. **Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil**. In OLIVEIRA, Ieda de (org.) O que é qualidade em literatura infantil e juvenil - Com a palavra o escritor, São Paulo, DCL, 2005 ISBN 85-7338-993-2.

BISSOLI, Michelle de F.; CHAGAS, Lilane de M. **Infância e Leitura: Formação da criança leitora e produtora de texto**. Editora Valer: Manaus, 2012.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CAMARGO, Luis. **A imagem na literatura e na ilustração para crianças**. In: Periódico – CED. Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação. Florianópolis: Editora da UFSC, v. 5, nº 9, jul. 1987

CAMPOS, Neide Pelaes de; COSTA, Fabíola Cirimbelli Burigo (Org.). **Artes Visuais e escola para aprender e ensinar com imagens**. (Coleção Cadernos CED). Florianópolis: NUP, 2003, 296p.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança: a leitura literária na Educação Infantil**. São Paulo: Paulus, 2006.

FREITAS, Neli K.; ZIMMERMANN, Anelise. **A ILUSTRAÇÃO DE LIVROS INFANTIS – UMA RETROSPECTIVA HISTÓRICA**. Projeto de Pesquisa de Mestrado em Arte Visuais - CEART – UDESC.

GÓES, Lúcia P.; ALENCAR, Jakson (orgs.) **A alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores**. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. **Olhar de descoberta: proposta analítica de livros que concentram várias linguagens**. São Paulo: Paulinas, 2003.

MICHAELLIS. **Moderno Dicionário de língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 27 de jun. 2014.

NANNINI, Priscilla B. Ramos. **Ilustração: um passeio pela poesia visual**. (Dissertação de mestrado – Instituto de Artes) Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Alessandra R. de. **Da exposição à criação: a educação estética das crianças na educação infantil**. Artigo apresentado no V Ciclo de Investigações do PPGAV-UDESC, 2010.

PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (orgs.) **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - O jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2007.

PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (orgs.). **Literatura infantil: políticas e concepções**.

Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009. p. 105 -128

WITTER, Geraldina P.; RAMOS, Oswaldo A. **Influência das cores na motivação para leitura das obras de literatura infantil**. In: Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), v. 12, nº 1, janeiro-junho, 2008, p.37-50.

ANEXOS

ANEXO I

Plano de trabalho

Metodologia da pesquisa desenvolvida com as crianças:

Período: previsão para iniciar no dia 02/06 até 20/06.

1 – Trabalhar com um Livro Misto / Semana do dia 02/06 à 06/06

1.1 – Apresentar o Livro: Aquarela – Janaina Tokitaka / Editora: BRINQUE-BOOK. Realizar a leitura da história com as crianças.

1.2 – Apresentar o material (Aquarela) utilizado nas ilustrações do livro.

1.3 – Explorar a técnica da Aquarela com as crianças em folha A3 (papel maior e mais duro para a pintura)

1.4 - Construção de bolinhas de sabão com garrafa pet. / Momento para brincar com as bolinhas de sabão.

2 – Trabalhar com um Livro Imagem / Semana do dia 16/06 à 20/06

2.1 Apresentar jornais para as crianças e deixarem explorar o material. Em seguida realizar a leitura do livro com as crianças. Livro: O jornal – Patricia Auerbach / Editora: BRINQUE-BOOK.

2.2 Brincar com dobraduras diversas, como: barco, chapéu, espada e dentre outros com folhas de jornal.

2.3 Realizar uma peteca com folhas de jornal e papel celofane.

2.4 Realizar recortes nas folhas do jornal e com estas imagens recortadas produzir uma imagem, ou seja, uma obra artística com as crianças.

ANEXO II

Diário de campo¹³

Período da pesquisa: Meses de junho e julho.¹⁴

Registros da pesquisa: Fotografias na máquina fotográfica e celular; filmagem; material desenvolvido pelas crianças e diário de bordo.

02/06/2014 – Proposta: Apresentar o livro Aquarela – Janaina Tokitaka / Editora: BRINQUE-BOOK. (Registro fotográfico - celular)

No segundo momento¹⁵ sentamos em roda e apresentei o livro para as crianças, narrei a história para o grupo, realizando o movimento de dialogar com eles sobre o que estava sendo lido e sobre as imagens presentes no livro. Em uma página do livro, a criança A perguntou por que escorria tinta na imagem ilustrada. Considerei sua observação instigante, e seu comentário foi importante para contextualizar como a aquarela é utilizada, afim de explicarmos a técnica da aquarela. Não havia percebido este aspecto na ilustração, mas ela observou e logo questionou, expliquei que as ilustrações foram realizadas com um material denominado Aquarela, referente ao título do livro, sendo uma tinta aguada, pois é necessário usar água para aparecer a cor, talvez por esta razão escorreu água na ilustração. Também expliquei que iríamos conhecer este material.

Logo que conclui a leitura disponibilizei o livro para quem tivesse interesse em folhear e realizar a leitura do livro. Refletindo sobre esta ação me questiono sobre o papel do livro nesta faixa etária na qual desenvolvo a pesquisa? Se estas crianças ainda não são alfabetizadas, leitores assíduos do texto escrito, como realizam leitura de um livro no

¹³ O intuito deste diário de campo é organizar as atividades realizadas com as crianças, afim de lembrar as reflexões e observações realizadas durante a pesquisa. Neste contém os dias que incluíram atividades relacionadas à pesquisa, a proposta realizada e a forma de registro utilizada para cada etapa durante este período.

¹⁴ Os dias que não constam registrados neste diário de bordo foi pelo fato de ter acontecido algum imprevisto com a turma, no seguimento da programação semanal que vai além do projeto da turma, por um grande número de faltas das crianças ou na realização de outras atividades que surgem na instituição. Pois no cotidiano da instituição educativa surgem diversos imprevistos que ultrapassam o nosso planejamento.

¹⁵ Denomino desta forma, pois no nosso cotidiano realizamos a troca de salas, por ser espaços ambientados. Então, no momento da chegada, denominado primeiro momento, recebo as crianças sempre na mesma sala, após o horário do lanche e parque, realizamos a troca de salas.

momento de contato com o livro? Neste sentido, qual o processo existente no contato da criança com o livro? E como a criança realiza a leitura quando ainda não é alfabetizada? Estes questionamentos suscitam em pensar o papel das imagens nos livros infantis, especificamente para as crianças bem pequenas.

Algumas crianças ficaram um período observando a capa do livro que contém pingos de várias cores, estes tem olhos demonstrando a vida nos pingos de cor. As crianças realizavam o movimento de falar e apontar as cores dos pingos, o livro apresenta a existência de vida nas cores e cria uma imaginação em torno do questionamento, a água tem cor ou não? A história narra a festa das cores, na qual é proporcionada através da ilustração e da liberdade de imaginação.

04/06/2014 – Proposta: “Festa das Cores!” (Registro fotográfico- celular e painel)

A partir da leitura do livro e observando as ilustrações, utilizei o tema “Festa das Cores!” para realizar uma proposta com o grupo que envolvesse diferentes cores e disponibilizar um espaço com papel para eles desenharem livremente. Foi uma experiência interessante e as crianças estavam ansiosas em participar, foi disponibilizado pincéis, tinta guache de diferentes cores em pequenos potes e um papel pardo no sentido horizontal (preso na parede). As crianças inicialmente demonstraram timidez, mas depois conseguiram entender a proposta e de forma espontânea molhavam o pincel nas cores e criavam o desenho desejado, seguindo a proposta das ilustrações do livro. Embora o pedaço de papel fosse considerável, durante a pintura as crianças reclamavam que queriam um espaço para pintar não querendo perder o seu espaço neste momento. A criança A com satisfação em realizar a proposta dizia: “Festa das Cores!” e escolhia uma cor para pintar, em seguida repetiu esta exclamação umas cinco vezes. Em seguida, algumas crianças já estavam com o rosto, pescoço, mão, cabelo e camiseta marcado com a tinta, outras se impressionavam pelas mãos estarem pintadas e me mostravam. Enfim, foi considerado uma festa por ser algo espontâneo e que partissem da imaginação das crianças, e o intuito era deixar eles explorarem o material apresentado.

05/06/2014 – Proposta: DVD Musical / Toquinho no mundo da criança – Música: Aquarela (Registro fotográfico - celular)

Na roda de conversas expliquei da existência de uma música com o título que estávamos trabalhando: Aquarela e iríamos escutar ela para conhecer. As crianças viraram para a televisão, e coloquei a música que contém imagens acompanhando, elas observavam as

imagens atentamente e comecei acompanhar a música cantando. Quando terminou a música eles pediram para colocar novamente, na segunda vez alguns tentavam cantar algumas palavras, mas é uma melodia nova para elas e aos poucos conseguem compreender a letra da música. No momento da chegada das crianças, enquanto elas brincam com fantasias ou em brincadeiras livres, aleatoriamente coloco este o DVD para as crianças acompanhar esta música, bem como outras de caráter pedagógico.

06/06/2014 – Proposta: Bolinhas de sabão. (Registro fotográfico).

Convidei as crianças para sentarem no tapete, em roda apresentei a ilustração do livro que mostra uma criança brincando de bolinha de sabão e questionei sobre qual a cor que a bolinha de sabão possui? Eles pensaram, e logo falei que ela tinha várias cores, pedi para eles observarem uma bolinha de sabão e dizer qual a cor que eles percebiam. Foi difícil fazer uma bolinha de sabão sem eles colocarem a mão para pegá-la. Explicava que iríamos observar e depois iríamos brincar com a bolinha de sabão, consegui realizar uma tentativa deles olharem as cores presentes nela, alguns diziam que tinha azul, rosa e verde. Mas as crianças gostam dessa brincadeira e estavam pedindo para brincar, em seguida eles começaram a realizar as bolinhas de sabão.

09/06/2014 – Proposta: Exposição da “Festa das Cores!” (Registro fotográfico e uma breve filmagem)

Após secar o painel que realizamos sobre a “Festa das Cores!” pensamos em expor no corredor de entrada para socializar com as famílias e outros grupos da instituição educativa. Em roda, abri o painel e observamos o que tínhamos realizado, perguntei que cores utilizamos e eles foram citando aquelas que eles observavam no painel. Em seguida, colocamos fita adesiva e juntos colocamos no corredor. Observando percebemos que as crianças mostram para suas famílias, apontando que eles realizaram aquela atividade e apresentam o nome daquela proposta.

10/06/2014 – Relato de uma situação.

Durante a chegada das crianças, a criança B chega com sua mãe e entregam o livro da biblioteca, pois o prazo de entrega é toda terça-feira. A partir do mês de junho, acompanhando o projeto, o grupo começou a frequentar a biblioteca semanalmente. Recebendo o livro perguntei se ela havia gostado do livro, logo a mãe respondeu: Não tem nada para ler! E

começou a rir. Então, folhei o livro e respondi explicando que era um livro de imagens onde a leitura era feita através das ilustrações. Ela respondeu: Ah tá! Resolvi relatar esta situação, em forma de registro, pois esta reação é pertinente, a fala da mãe vem ao encontro da afirmação por alguns autores, de como as pessoas ainda não estão habituadas com o livro apenas de imagem. Ainda temos uma visão fortemente marcado pela cultura letrada e do alfabeto, habituados a encontrar palavras no interior do livro. Este é um dos formatos de livro, contudo a educação visual não é percebida e valorizada como deveria ser.

11/06/2014 – Proposta: Técnica da Aquarela. (Registro fotográfico e desenho)

A proposta para este dia foi apresentar a Aquarela, observar novamente as imagens do livro destacando que estas foram feitas com esta técnica, realizar uma demonstração de como ela é utilizada e possibilitar que as crianças experimentem. No segundo momento, estávamos na sala “Pintando o 7”, espaço próprio para desenvolver atividades artísticas, temos duas mesas comprimidas e grandes que utilizei no momento da atividade de desenho. Desta forma, primeiramente convidei as crianças para realizar uma roda, afim de apresentar o material, coloquei no meio os materiais que seriam utilizados para as crianças visualizarem. Elas estavam curiosas para saber o que era aquele estojo colorido, logo passei a pastilha da Aquarela para eles tocarem, a criança A, perguntou: Por que está seco? Conversando com elas expliquei que estava seco, pois aquela pastilha de aquarela precisa de água para poder sair a cor desejada. Peguei o pincel que estava no estojo molhei um pouquinho na água e na pastilha, saindo a cor passei no papel para elas observarem, as crianças estavam encantadas com esta nova técnica. Em seguida, mostrei as ilustrações do livro que estamos trabalhando que foi utilizado a aquarela, assim realizei o movimento de observação dos detalhes da imagem. Convidei as crianças para realizarem o desenho com a aquarela e dividi em dois grupos, para dar uma atenção mais específica para esta atividade, assim, enquanto um grupo de seis crianças realizava a atividade, os demais brincavam com massinha de modelar. Frequentemente, opto por realizar as atividades pedagógicas em pequenos grupos por conseguir dar uma maior atenção as crianças. Perguntava para as crianças o que estavam desenhando, uns diziam arco-íris, bolas coloridas, pessoas, escorregador de aquarela e dentre outros. Aos poucos indicava para eles molharem um pouco a pontinha do pincel na água, em seguida na pastilha para conseguir realizar o desenho, as crianças realizavam este movimento com facilidade e satisfação na imagem que estava sendo criada. Foi uma experiência muito interessante, pois a aquarela tem um aspecto aguado, ao mesmo tempo suave, diferente dos

materiais que proporcionamos como o guache que possui cores mais marcantes. Percebi que as crianças se interessavam por esta nova técnica.

Materiais utilizados: Estojo Aquarela em pastilha da Faber-Castell com 12 cores; Bloco de folha A3 branca, gramatura 140g/m²; Água; pincéis e livro infantil: Aquarela – Janaina Tokitaka.

Adaptações: As crianças utilizaram pincéis comuns em vez de pincéis próprios para a Aquarela, folhas de desenho com uma gramatura maior em vez de folha para Aquarela; estojo de Aquarela em pastilha simples (recomendado para crianças) em vez de um estojo profissional com várias cores em pastilhas ou bisnagas de Aquarela. Estas adaptações foram feitas pelo fato da dificuldade de encontrar materiais próprios para esta técnica e pelos valores destes, pois a minha pesquisa não possui auxílio para aquisição destes materiais.

16/06/2014 – Proposta: Mágica das Cores. (Registro fotográfico e atividade proposta)

No segundo momento convidei as crianças para sentarem em roda e coloquei no meio três tintas de cores diferentes, juntamente uma folha com vários círculos para realizar as misturas. Inicialmente expliquei que iríamos realizar uma mágica com as cores, aquelas do pote de tinta eram chamadas de cores primárias e com mágica formaria as cores secundárias, assim demonstrei a mágica com as crianças na roda para eles observarem. Utilizei as cores amarelo + azul = verde, vermelho+ amarelo= laranja e vermelho+azul= violeta. Em seguida, no momento de dividir quatro crianças sentariam na mesa para realizar a atividade, as demais não queriam brincar com os jogos educativos da sala, pois todos queriam realizar ao mesmo tempo a mistura com os dedos. Então, para melhor auxiliá-los conversei com a turma, que após o primeiro grupo outras crianças iriam realizar a proposta. As crianças estavam gostando de misturar, pintar o dedo e ver surgir uma nova cor com a mistura. Atualmente, o grupo está sem estagiária, sendo que temos uma professora auxiliar, mas pelo horário de saída dela, após um certo momento fiquei sozinha e não consegui concluir a atividade com todos. Pois, a atividade exige concentração e naquele momento tinha que observar todos ao mesmo tempo. Deixarei para realizar com as outras crianças na quarta-feira (18/06).

18/06/2014 – Proposta: Desenhando com Lápis Aquarela. (Registro fotográfico e desenho)

Coloquei a caixa surpresa no meio da roda, juntamente água e folha dentro tinha lápis

aquele de várias cores e fiz um suspense, perguntando o que teria dentro da caixa surpresa. Quando abri eles observaram o que era expliquei que era um lápis diferente, pois ele desenhava como os outros, mas pingando na água ele ficava com uma cor mais forte e bonita para realizar o desenho, mostrando a diferença em uma folha. Eles pediam para experimentar também, alguns já pegaram um lápis para pingar na água e desenharam. Em seguida, dividi em dois grupos, um para realizar a proposta do lápis aquarela e outro para dar continuidade a magia das cores que alguns ainda não tinham realizado. Alguns desenhavam com o movimento de pingar na água, como a criança C, a criança A, a criança D e outros, a criança B pingou poucas vezes desenhando mais com o lápis seco. Tivemos a criança E que iniciou pingando e desenhando, mas logo descobriu que poderia desenhando o seu rosto e os parceiros da mesa, alguns da mesa percebendo o movimento queriam pintar também e se animavam com a situação.

24/06/2014 – Proposta: Movimentos corporais com balões coloridos. (Registro fotográfico da instituição)

Ao longo da pesquisa, observamos que ocorrem diversos imprevistos e temos que adaptar muitas situações diante do cotidiano dinâmico da educação infantil. Assim, nossa visita a sala de ciências estava marcado para hoje, mas foi transferido para amanhã, nisso como na nossa programação tinha um horário para irmos ao ginásio adaptei outra proposta relacionada as cores e um objeto que as crianças pequenas gostam de brincar, balões. Assim, chegamos no ginásio sentamos em roda e aos poucos enchemos os balões e íamos conversando com as crianças para saber qual cor correspondia, entregamos para elas para brincar. Uns jogavam para cima para pegar, outros corriam com o balão, outros faziam de bola e outros abraçavam para protegê-lo, também tivemos a criança F que não queria o balão pelo barulho que causava quando era estourado. De modo geral, as crianças divertiram-se neste momento, movimentando-se livremente e brincando cada qual na sua maneira.

25/06/2014 – Proposta: Sala de Ciências trabalhar as cores. (Registro fotográfico e atividade proposta)

Temos na instituição uma Sala de Ciências, no qual posso escolher um tema para realizar experiências relacionadas, tem um monitor na sala da área da física e química. O grupo ainda não tinha visitado esta sala durante este ano, a temática foi sobre as cores, na qual relacionava-se com o livro que estávamos trabalhando. Chegamos na sala, o espaço já encanta

as crianças, pois tem vários elementos diferentes espalhados no teto, chão, parede, que causam curiosidade nas crianças. Assistimos um vídeo sobre a formação do arco-íris e as sete cores que o compõe, logo realizamos um experimento da roda de cores que girando em uma velocidade rápida, suficiente para tornar as cores individuais imperceptíveis aos olhos humanos, formando a cor branca. As crianças ficaram impressionadas, a criança A tentava acompanhar a roda das cores com a cabeça e tentava responder o que ela perguntava. Tudo o que ela fazia e falava era novidade para o grupo, contudo alguns conceitos as crianças não conseguiam assimilar, pela faixa etária, mas proporcionar estas experiências para as crianças é importante, assim ampliando o repertório e observando qual conhecimento elas adquirem. Em seguida, ela convidou as crianças a pintarem um arco-íris com as sete cores que ele é composto. Enquanto isso, ela montou uma máquina de luz que quando acessa apresenta as cores primárias e as secundárias, apresentou para o grupo e realizamos uma atividade de pintura com guache para misturar as cores. Dividimos em três grupos para realizar tal atividade, afim de não se prolongar muito, pois tinha outra proposta adiante. Depois desta, realizamos uma roda para a monitora apresentar a amoeba, produzida pelo laboratório, ela perguntava as cores para as crianças e elas respondiam. Todas as crianças se encantaram com a amoeba, mexiam, amassavam, deixavam ela pendurada e outras atitudes. As crianças aproveitaram este momento para conhecer mais sobre o tema das cores, e no momento da saída contavam para as suas famílias onde tinham ido e a amoeba que tinham ganhado.

26/06/2014 – Proposta: Texto coletivo. (Registro fotográfico)

As crianças gostaram e aproveitaram a sala de ciências com tanto interesse que surgiu a ideia de construirmos um texto coletivo para expormos no corredor das salas, afim de compartilhar a experiência com as famílias e demais grupos. O processo de construção de texto coletivo nesta faixa etária é complexo, pois o exercício de se expressar oralmente é um processo, foram ditas frases e palavras soltas, em seguida juntei a ideia para formar o texto. Assim, o texto construído ficou desta forma “Nós gostamos da sala de ciências. Tinha a atividade do arco-íris, da tinta e do copo. A amoeba era macia, tinha a cor azul, amarelo, rosa e verde. O arco-íris tinha sete cores, roxo, vermelho, amarelo, azul-claro, azul-escuro, laranja e verde. A cor branca aparecia quando girava o círculo. Aquela sala é muito legal” Colamos a atividade das cores primárias e secundárias que realizamos em grupos e deixamos exposto no corredor.

26 e 27/06/2014 – Proposta: Construção de bolinhas de sabão com palitos e argolas de garrafa pet. / Momento para brincar com as bolinhas de sabão. (Registro fotográfico)

Com palitos de madeira e argolas de garrafa pet construímos a estrutura para formar as bolinhas de sabão, cada criança recebeu um de cada objeto, as crianças entregavam o material e eu colava com cola quente, depois deixamos secar para no outro dia realizarmos a brincadeira. Em um recipiente coloquei sabão com água, em roda entregamos o material, a intenção era aproveitar uma área livre para brincar com a bolinha de sabão, mas devido ao tempo não foi possível e assim realizamos dentro da sala. É uma brincadeira que atrai os olhares das crianças e elas querem participar até conseguir realizar a bolinha. As crianças se envolveram muito com esta temática e se o tempo permitisse realizaríamos mais atividade pedagógicas com o grupo relacionando este tema,

30/06/2014 – Proposta: Leitura do Livro de Imagem “O jornal” (Registro fotográfico e filmagem deste momento)

No segundo momento, sentamos em roda para realizar a leitura do livro *O Jornal*. Mostrei para as crianças a capa e li o título e a autora, que neste caso é a ilustradora. Assim, refleti sobre a prática pensando como poderia realizar a leitura deste livro sem palavras, me questionei se mostraria as imagens e deixava os comentários partirem das crianças ou se comentava e dialogava com o grupo sobre as imagens que apareciam nas páginas do livro. No decorrer da leitura fui observando como as crianças reagiam para conseguir ter uma atitude de retorno ao que elas solicitavam. No início da leitura não estava falando para observar o que partiria do grupo, somente mostrando as ilustrações, logo, a criança E perguntou: Prof. você não vai ler? A observação dela indicou que aquele livro era diferente, então respondi: Este livro é de imagem, só de ilustrações. Depois da fala desta criança, comecei a dialogar mais com eles, falando e chamando a atenção aos detalhes das ilustrações. Senti que o grupo tem a necessidade de ouvir algo sobre a história apresentada, talvez pelo fato das crianças estarem habituadas em escutar livros com texto verbal, e nos livros só com imagens exige uma maior concentração visual. Quando perguntei o que o personagem estava segurando, a criança E respondeu: uma revista! E outros falaram que era um jornal. Algumas crianças comentavam que o personagem era uma menina e outros diziam que era um menino. A cada página perguntava o que estavam vendo, o que ele estava fazendo, o que era um jornal, onde ele estava indo, e vinha variadas respostas, pelo fato de um livro com esta característica ter a capacidade da própria criança construir sua própria história. Como em vários momentos do

cotidiano, temos crianças que não se interessam por determinada proposta e realizam outras atividades naquele momento, dependendo da situação chamo para participar. Desta forma, seguimos com a leitura, alguns não estavam muito concentrados na leitura e outros participavam falando o que viam. Quando terminei a história disponibilizei o livro para o grupo manusear.

02/07/2014 – Jornal e revista: diferenças e semelhanças / Desafio de criar algo com jornal. (Registro fotográfico)

Este momento surgiu a partir de uma afirmação feita pela criança E, dizendo que o menino estava com uma revista, logo, pensei qual seria a diferença entre um jornal e uma revista? Conceitos elaborados sobre esta diferença não tinha tanta importância neste momento, mas coloquei os dois meios de informação na roda para folhear e mostrar as diferenças entre ambos. Assim, falei que os dois tinham o objetivo de informar com notícias da cidade, anúncios, propagandas, fotografias e outros. A revista é feita com um tipo de papel e as imagens são mais coloridas, já o jornal tem um outro tipo de papel, tem imagens coloridas, mas a maioria é cinza, preto e branco. Expliquei que o personagem da história estava observando o jornal do pai e pensou várias coisas para fazer com o jornal, lancei um desafio para ver o que eles criariam com uma folha de jornal. Assim, foi distribuído uma folha para cada criança criar algo, anotei o que eles produziram, a criança B criou uma cobra; a criança G também queria fazer a cobra; a criança H um barco diferente; a criança I uma espada; a criança A uma flor para dar há criança H; a criança J um chapéu para a professora; a criança K uma espada; a criança L não sabia o que fazer e a criança M diz que não sabia fazer. Foi interessante para o exercício da imaginação e criação.

03/07/2014 – Observar as imagens e realizar dobraduras. (Registro fotográfico)

Nas minhas observações percebi que durante a leitura do livro de imagens algumas crianças do grupo se dispersaram e pensei em apresentar novamente as imagens contando o que o personagem realizou com o jornal, falei que ele inventava e conseguiu viajar, surfar, montar barracas, ser um cavaleiro e outras situações que o personagem apresenta no livro. O livro mostra quantas coisas é possível realizar com uma folha de jornal, simples e comum, mas através da imaginação conseguimos realizar grandes coisas, até mesmo viajar para um castelo. As crianças estavam incentivadas neste intuito, mas pela faixa etária é complexo eles realizarem a dobradura até formar o objeto esperado, sendo assim, vamos construindo e elas

observam a realização. Cada criança escolheu uma dobradura para brincar, na qual prevaleceu os pedidos por dobraduras de espadas. Em seguida, as crianças estavam brincando na sala, imitando ser um cavaleiro, um guerreiro, um navegante e outras brincadeiras que iam surgindo naquele momento.

07/07/2014 – Recorte de imagens no jornal e colagem. (Registro fotográfico do celular e atividade)

Em roda, mostrei um jornal e destaquei as imagens que estavam no interior deste, pedi para recortarem duas imagem diversa do jornal e depois colar em folha A4 branca. Realizamos esta proposta nas mesas e cada criança ganhou uma folha de jornal para pesquisar e recortar. A habilidade de recortar está sendo incentivada aos poucos e alguns tem dificuldades em realizar estes movimentos, precisando do nosso auxílio. Assim, com muita concentração alguns rapidamente conseguiram achar e recortar, depois realizaram a colagem na folha. Em todos as etapas auxiliamos as crianças, apareceram diversas imagens, pequenas, grandes, umas com a imagem rasgada no meio outras nas quais conseguiram ser recortadas inteiras, enfim as crianças realizam conforme elas conseguem.

10/07/2014 – Possibilidades com o jornal: Construção de uma peteca. (Registro fotográfico)

No tapete coloquei os materiais no chão, o jornal, o papel celofane e o barbante, e contei que aqueles materiais poderiam ser transformados em uma peteca. Assim, contando que é um brinquedo que serve para jogar na palma da mão sozinho ou com outra criança, e fui dizendo os passos da confecção. Primeiro amassei duas folhas de jornal até ficar uma bolinha, depois embrulhei com papel-celofane colorido e amarrei com o barbante para prender. Eles estavam atentos e impressionados com o que aqueles materiais tinham se transformado, todos pedindo para fazer um igual. Foi distribuído as folhas de jornal para cada criança realizar a sua própria peteca, eles conseguiam amassar a folha e embrulhar, mas nós amarramos com barbante para cada criança. Ensinei como brincar e aproveitaram este momento brincando com a peteca, cada criança brincou com a sua jogando para cima. O movimento de brincar com outra criança não partiu das crianças, eu que tentei realizar tal interação.

15 e 16/07/2014 – Recorte de jornais e construção coletiva da colagem com jornal. (Registro fotográfico e painel)

Em roda expliquei para as crianças que iríamos rasgar as folhas de jornais para

realizarmos um painel artístico com colagem. Assim, deixei livre para elas cortarem de vários tamanhos a folha de jornal para tornar uma obra diversificada. No outro dia, realizamos a colagem das folhas, dividi as crianças em dois grupos, um ficou com seis crianças e o outro com sete crianças. Na reflexão de como construiria este painel com as crianças, de modo que todas conseguissem participar, escolhi dividir dois grupos para terem mais espaço e autonomia para a colagem dos pedaços no espaço que quisessem. Estávamos na sala Pintando o 7, no qual há duas mesas grandes, coloquei uma cartolina em cada mesa, potes com cola, pincéis e pedaços de jornais. Foi interessante observar a construção deste painel artístico, é um conjunto de vários desenhos, letras, números e imagens que foram montadas aleatoriamente pelas crianças, não no intuito de deixar algo belo esteticamente, mas por criação e experimentação destes materiais. Ao longo da proposta, as crianças estavam muito concentradas, algumas no passar a cola na cartolina, outras em colar os pedaços de jornais, outras ainda em selecionar a imagem que colaria na cartolina. A criança C estava muito interessado em espalhar a cola na folha, a criança E procurava com as mãos o que ela queria selecionar para a colagem, a criança G colocava a folha de jornal na palma da mão passava a cola com o pincel, logo virava a mão para colar na cartolina. Estes são alguns exemplos de crianças para comentar que cada criança produzia da sua maneira e fazia de acordo com o seu interesse. Desta forma, os dois painéis ficaram diferentes, pelo formato da cartolina os dois estavam em forma retangular, mas seria a disposição dos pedaços de jornais e os tamanhos destes. As crianças realizaram esta atividade com muito interesse demonstrando participação nas propostas relacionadas ao livro.

18/07/2014 – Proposta – Escolha do nome para o painel artístico.

No momento da chegada das crianças à instituição, a criança K chegou com a sua mãe e mostrou um papel enroladinho e perguntei: O que é isso? Ele é uma criança que tem algumas restrições na linguagem oral, não conseguindo entender com clareza o som das palavras. Assim, a mãe dele logo já explicou: É uma espada! Ele quer fazer toda hora essa espada! E comentei com a mãe que nós construímos na sala objetos para brincar, com dobraduras de jornais. Indicativos durante a pesquisa mostram que o livro, *O jornal* e as propostas realizadas com ele incentivaram as crianças a imaginar e construir brincadeiras. Em roda, coloquei os painéis artísticos no meio, perguntei qual nome poderíamos aos painéis. Assim, a primeira sugestão foi a criança D que indicou, “Flores de Jornal”, perguntei se as crianças concordavam e eles aceitaram. Então, fomos para o outro painel e perguntei quem

tinha alguma ideia, algumas crianças levantaram a mão querendo falar, mas no momento de dar a ideia não tinham sugestão, mas o interesse era de participar. Assim, alguns deram girassol, girafa e cachorro jornal, realizamos uma votação e ganhou o “Cachorro Jornal”.

21/07 a 01/08/2014 – Período de recesso das crianças na instituição, sendo necessário a finalização da pesquisa para conseguir analisar e escrever no trabalho final da pesquisa. Contudo, devido ao interesse e possibilidades que esta temática permite, após este período darei continuidade com o grupo de crianças nas quais trabalho cotidianamente.